MACUNAÍMA
MARIO de ANDRADE

Modernismo

Modernismo 1ª fase

1922 a 1930

Comissão organizadora da Semana de 22

Considera-se, para fins de história literária, que o Modernismo no Brasil inicia-se com a realização da Semana de Arte Moderna em São Paulo, no ano de 1922. Mas antes desse evento, devem-se registrar alguns outros fatos que antecedem e antecipam a revolução modernista iniciada em 1922.

O mais importante desses antecedentes foi a exposição da pintora Anita Malfatti em dezembro de 1917, "Paranóia ou mistificação", publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* de 20.12.17. O ano de 1917 marca também a estréia em livro de uma das mais importantes figuras da Semana de 1922, Mário de Andrade, que, sob o pseudônimo de Mário Sobral, publicou um livro intitulado *Há uma gota de sangue em cada poema.* Ainda nesse mesmo ano são publicados *Nós* de Guilherme de Almeida, *Juca Mulato* de Menotti del Picchia, *A cinza das horas* de Manuel Bandeira e *A frauta de Pã* de Cassiano Ricardo. São quase sempre, obras ainda muito ligadas à tradição, trazendo as marcas do intimismo simbolista, do decadentismo e mesmo do parnasianismo. Apesar disso, foi-se formando um grupo atuante de jovens escritores e artistas interessados na renovação das artes brasileiras, na libertação e na superação do academicismo e da estagnação cultural reinantes no país. Nos anos entre 1917 e 1922 publicam-se outros livros desses mesmos autores, como *Carnaval* de Manuel Bandeira (1919), *A dança das horas* e *Messidor* (ambos de 1919) e *O livro de horas de Sóror Dolorosa* (1920) de Guilherme de Almeida, e de outros, como *Le départ sous la pluie* (1919) de Sérgio Milliet e *Poemas e Sonetos* (1919) de Ronald de Carvalho. Em 1919 registra-se também o retorno do escultor Vitor Brecheret da Europa. Nesse período acontecem também exposições de pintores como Di Cavalcanti e Vicente do Rego Monteiro em várias cidades do país.

Todos esses acontecimentos na vida cultural do país convergem então para a realização da Semana de Arte Moderna, de 11 a 18 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo. Além de exposições de obras de artistas como Anita Malfatti, Vitor Brecheret, Di Cavalcanti e vários outros,

foram apresentados recitais com músicos como Villa-Lobos e Guiomar Novaes, conferências de Graça Aranha, Mário de Andrade e Oswald de Andrade e Guilherme de Almeida, tudo isso acompanhado das vaias do público escandalizado. Mas, apesar da reação negativa do público, como diz Mário da Silva Brito, historiador do movimento modernista,

(...) de qualquer forma, havia sido realizada a Semana da Arte Moderna, que renovava a mentalidade nacional, pugnava pela autonomia artística e literária brasileira e descortinava para nós o século XX, punha o Brasil na atualidade do mundo que já havia produzido T.S. Eliot, Proust, Joyce, Pound, Freud, Planck, Einstein, a física atômica[1].

A semana de Arte Moderna marca o início da chamada "fase heróica" do Modernismo brasileiro, fase de consolidação do ideário inaugurado em 1922. É um período de grande efervescência cultural. Nesses anos publicam-se algumas das obras fundamentais da literatura brasileira, como por exemplo:

De Mário de Andrade:
Paulicéia Desvairada (1922)
A escrava que não é Isaura (1925)
Amar, verbo intransitivo (1927)
Clã do Jabuti (1927)
Macunaíma (1928)

De Osvald de Andrade:
Memórias sentimentais de João Miramar (1923)
Pau-Brasil (1925)
Estrela de Absinto (1927)

De Manuel Bandeira:
Ritmo Dissoluto (1924)

De António de Alcântara Machado:
Brás, Bexiga e *Barra Funda* (1927)

De Cassiano Ricardo:
Vamos caçar papagaios (1926)
Martin Cererê (1928)

À influência das vanguardas européias, como o Futurismo, o Dadaísmo, o Surrealismo, o Expressionismo, a literatura do período soma a luta contra o academicismo passadista, contra o parnasianismo e o esteticismo, já esgotados enquanto possibilidades de expressão artística, mas ainda dominantes na literatura oficial e no gosto do público. Daí a procura de uma linguagem moderna, despojada das convenções do gosto acadêmico, a preocupação em incorporar os coloquialismos e os brasileirismos na língua literária, contrariando os padrões vigentes de submissão à norma gramatical.

Para manter acesa a chama do movimento, foram fundadas revistas e jornais, muitos de vida curta, com o que se procurava divulgar e discutir as novas idéias e as obras que iam sendo produzidas. A primeira dessas publicações foi a revista KLAXON, lançada em maio de 1922, que teve a duração de 9 números. Em 1924 foi lançada no Rio a revista *Estética* por Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Morais, neto. Teve a duração de apenas 3 números, mas publicou artigos de grande importância, tanto de caráter ensaístico quanto de crítica literária.

Em 1928 surgiu a *Revista de Antropofagia,* que teve duas "dentições"; a primeira, dirigida por António de Alcântara Machado e Raul Bopp, teve 10 números mensais. A segunda, dirigida por Geraldo Ferraz,

1 Cit. por Alfredo Bosi, *História concisa da literatura brasileira*, pg. 384.

publicada semanalmente como página do jornal *Diário de São Paulo,* durou de março a agosto de 1912. A revista divulgou o movimento da *Antropofagia,* lançado por Osvald de Andrade com o *Manifesto Antropófago* em 1928.

Os modernistas de 1922 não formavam, naturalmente, um grupo homogêneo. Já por formação e gosto, representavam diferentes tendências estéticas. Na obra posterior de muitos deles, como por exemplo Guilherme de Almeida, nota-se mesmo um retrocesso em relação ao movimento modernista de 1922. Também não se pode negar que houve na Semana de Arte Moderna muito de provocação, de brincadeira quase, o que foi reconhecido por Mário de Andrade num balanço do movimento apresentado sob a forma de conferência em 1942. Estas disparidades refletem-se nas várias direções que tomaram os modernistas depois de 1922, dividindo-se em vários grupos e lançando manifestos de várias correntes dentro do Modernismo.

Assim, em 1924, Osvald de Andrade lança o *Manifesto da poesia pau-brasil*, procurando aliar modernismo e primitivismo. Depois em 1928, o mesmo Osvald de Andrade lança o *Manifesto Antropófago,* em que ele, invocando a antropofagia dos primeiros habitantes do território brasileiro, defende a incorporação crítica de todas as influências estrangeiras que se juntaram para formar a civilização brasileira.

Em 1925 surgiu o Verdeamarelismo, movimento de tendências nacionalistas fundado por Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo, Guilherme de Almeida e Plínio Salgado. Esse mesmo grupo, aprofundando essas tendências, lançaria em 1929 a Escola da Anta, acentuando o caráter nacionalista-ufanista conservador do Verdeamarelismo. Essa coloração ideológica identificaria o movimento da Anta com o movimento político do Integralismo, de tendências fascistas, fundado por Plínio Salgado.

Além desses grupos, vale citar ainda o grupo em torno da revista *Festa,* de Tasso da Silveira, de tendência católica e espiritualista.

Agrupavam-se em torno de *Festa* autores como Adelino Magalhães, Gilka Machado, Murilo Araújo e, logo depois, poetas como Cecília Meireles e Murilo Mendes.

O Modernismo brasileiro não se esgota com sua “fase heróica”. A partir dos anos de 1930 o Modernismo consolida-se e diversifica-se. Se nem tudo o que se produziu durante a “fase heróica” ficou, ainda assim o que ficou pertence ao que de melhor se produziu na literatura brasileira. E as possibilidades que abriu não podem ser subestimadas. É com razão que diz Mário de Andrade, em artigo de 1940:

O Modernismo foi um toque de alarme. Todos acordaram e viram perfeitamente a aurora no ar. A aurora continha em si todas as promessas do dia, só que ainda não era o dia. Mas é uma satisfação ver que o dia está cumprindo com grandeza e maior fecundidade as promessas da aurora. Ficar nas eternas aurorices da infância, não é saúde, é doença. E a literatura brasileira aí está, bastante sã. Adulta já? Quase adulta[2]...

2 Mário de Andrade, "Modernismo", em *O empalhador de passarinho*, pg. 189.

Modernismo 2ª fase

1930 a 1945

Passado o momento de contestação dos valores tradicionais da arte do século 19, quando os modernistas afirmam: “Não sabemos o que queremos; sabemos o que não queremos.”, referindo-se exatamente às convenções do passado, começa o segundo período do Modernismo brasileiro, conhecido como *fase construtiva*.

Esse período esteve marcado por um aprofundamento das propostas do Modernismo inicial em obras de forte caráter pessoal, Terminado o esforço coletivo de instauração do novo gosto artístico, estabelecidos os padrões da nova sensibilidade, cabe agora a cada artista desenvolver, com base nos novos critérios, suas obras. É a hora do recolhimento e da reflexão que dêem seqüência ao impulso de renovação inicial da década anterior.

As duas linhas centrais de desenvolvimento da arte literária serão:

.a consolidação de uma linguagem nova;
.e a radicalização de uma visão crítica do país.

Na poesia surgem definitivamente – dado que muitos destes nomes já haviam iniciado suas produções em anos anteriores – Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Morais, Cecília Meireles, Murilo Mendes e Jorge de Lima. Enquanto avançam as obras de Mário de Andrade e Manuel Bandeira.

Na prosa, a manifestação de maior repercussão, dentro e fora do país, é a do Romance Regionalista Nordestino. Aglutinados em torno da figura seminal de Gilberto Freire, autor de *Casa Grande* e *Senzala,* um clássico dos estudos sociais brasileiros, e estimulados pelo romance de José Américo de Almeida, publicado em 1928, intitulado A *Bagaceira,* os autores que mais se destacaram nesse movimento foram:

Jorge Amado, da Bahia *(Cacau, Jubiabá, Capitães de Areia)*;
José Lins do Rego, da Paraíba *(Menino de Engenho, Fogo Morto)*;
Raquel de Queirós, do Ceará (O *Quinze);*
e Graciliano Ramos, de Alagoas *(Vidas Secas, São Bernardo, Angústia)*.

O sucesso do Romace Regionalista Nordestino dos anos 30 se fez ouvir dentro e fora do Brasil. O Neo-Realismo português dos anos 40 é uma espécie de eco ao estímulo representado pela literatura brasileira da década anterior, cujos autores na verdade se encontram ainda em atividade na seguinte. Tal sucesso, no entanto, terminou por abafar toda uma tendência das letras nacionais que então também se manifestava: o romance intimista, representado por nomes como Cornélio Pena, Lúcio Cardoso e Ciro dos Anjos, entre outros.

Ao mesmo tempo, no Rio Grande do Sul, Érico Veríssimo e Dionélio Machado desenvolviam suas obras, aquele com maior fama e prestígio, este mais obscuramente. Dionélio Machado, talvez o maior escritor do período ao lado de Graciliano Ramos, só obteve reconhecimento da crítica muitos anos mais tarde, já na década de 70.

Modernismo 3ª fase

ou Pós-Modernismo 1945 em diante

O período mais recente da literatura brasileira, iniciado no pós-guerra é sobretudo caracterizado por uma diversidade de manifestações artístico-literárias bastante grande e muitas vezes contraditória. A própria designação pós-modernista não quer dizer quase nada sobre as coisas que designa, a não ser que se trata de manifestações posteriores ao Modernismo, o que nem sempre é esclarecedor, nem mesmo exato. Sem aprofundar essa discussão, mas chamando a atenção para o fato, lembramos que são muitos os autores ou movimentos literários dignos de menção nesse período. No entanto, dada a natureza sintética deste texto, que deve apenas fornecer as referências básicas para a situação das obras a serem estudadas, destacaremos apenas três nomes:

João Cabral de Melo Neto – poeta (A *Pedra do Sono, Morte* e *Vida Severina,* A *Educação pela Pedra, Agrestes);*

Clarice Lispector – ficcionista – (*Perto do Coração Selvagem, O Lustre, A Maçã no Escuro, Água Viva, Laços de Família, A Hora da Estrela);*

João Guimarães Rosa – (*Sagarana; Grande Sertão, Veredas; Corpo de Baile; Primeiras Estórias; Tutaméia; Estas Estórias; Ave, Palavra)*.

Esses três nomes constam entre os maiores da literatura brasileira e, quem sabe, universal. Cada um deles já mereceria um estudo profundo e extenso, o que, já dissemos, transborda os limites deste texto.

No entanto, é preciso dizer, sobre Guimarães Rosa cujo livro *Primeiras estórias* integra a lista de obras da Fuvest.

João Guimarães Rosa produziu um dos maiores abalos a que o solo da literatura nacional já assistiu. Seus textos foram desde o início elogiados ou criticados com veemência, o que dá uma medida do caráter perturbador que possuíam. Em pouco tempo, a literatura crítica sobre Guimarães Rosa se avolumou dentro e fora do país. O seu nome se fez respeitar por escritores e críticos de diferentes idades e nações. A marca mais característica de suas obras foi o alto teor de invenção linguística nelas contido. Trabalhando basicamente os temas ligados à vida do homem do sertão brasileiro, com uma cultura de cidadão do mundo, Rosa produziu uma obra regionalista e ao mesmo tempo universal. Comparado aos maiores romancistas do século, sobretudo ao irlandês James Joyce, Rosa insistia em afirmar a especificidade de sua relação com a palavra, que ele dizia ser de natureza meta física, já apontando com essa declaração a forte impregnação mítico-religiosa de sua obra. Em muitas de suas estórias, o mistério, a possiblidade de milagre, o caráter encantatório da poesia, as lutas de Deus e do diabo no interior na alma humana são os aspectos centrais. Ler Rosa é aventurar-se na travessia do mistério da existência humana e é também vivenciar uma das maiores proezas já realizadas no idioma português. É preciso ler Rosa, é preciso ouvi-lo.

Para finalizar esta apresentação, um trecho de uma entrevista por ele concedida a um crítico alemão chamado Gunter Lorenz:

LORENZ: Uma vez você me disse que quando escreve quer se aproximar de Deus, às vezes demasiadamente. Certamente, isto também se relaciona com a língua. Como se deve entender isso?

GUIMARÃES ROSA: Isto provém do que eu denomino a metafísica de minha linguagem, pois esta deve ser a língua da metafísica. No fundo é um conceito blasfemo, já que assim se coloca o homem no papel de amo da criação. O homem ao dizer: eu quero, eu posso, eu devo, ao se impor isso a si mesmo, domina a realidade da criação. Eu procedo assim, como um cientista

que também não avança simplesmente com a fé e com pensamentos agradáveis a Deus. Nós, o cientista e eu, devemos encarar Deus e o infinito, pedir-lhes contas, e, quando necessário, corrigi-los também, se quisermos ajudar o homem. Seu método é meu método. O bem-estar do homem depende do descobrimento do soro contra a varíola e as picadas de cobras, mas também depende de que ele devolva à palavra seu sentido original. Meditando sobre a palavra, ele se descobre a si mesmo. Com isto repete o processo da criação. Disseram-me que isto era blasfemo, mas eu sustento o contrário. Sim! a língua dá ao escritor a possibilidade de servir a Deus corrigindo-o, de servir ao homem e de vencer o diabo, inimigo de Deus e do homem. A impiedade e a desumanidade podem ser reconhecidas na língua. Quem se sente responsável pela palavra ajuda o homem a vencer o mal.

LORENZ: Então, novamente, também na língua o compromisso humanista, o “compromisso do coração”, do qual você falou.

GUIMARÃES ROSA: Sim, é isso. Você, meu caro Lorenz, em sua crítica ao meu livro escreveu uma frase que me causou mais alegria que tudo quanto já se disse a meu respeito. Conforme o sentido dizia que em *Grande Sertão* eu havia liberado a vida, o homem, *von der Last der Zeitlichkeit brefeit* (Liberto do peso da temporalidade). É exatamente isso que eu queria conseguir. Queria libertar o homem desse peso, devolver-lhe a vida em sua forma original. Não há nada mais terrível que uma literatura de papel, pois acredito que a literatura só pode nascer da vida, que ela tem de ser a voz daquilo que eu chamo “compromisso do coração”. A literatura tem de ser vida! O escritor deve ser o que ele escreve.

LORENZ: Na verdade você está de acordo, depois de tudo o que disse, em ser chamado de revolucionário da língua? A expressão “revolucionário” está tão desgastada, que mal pode fazer justiça ao que você define como língua e relação para com a língua e dever desta.

GUIMARÃES ROSA: Você disse justamente o certo! Não sou um revolucionário da língua. Quem afirme isto não tem qualquer sentido da língua, pois julga segundo as aparências. Se tem de haver uma frase feita, eu preferia que me chamassem de reacionário da língua pois quero voltar cada dia à origem da língua, lá onde a palavra ainda está nas entranhas da alma, para poder lhe dar luz segundo a minha imagem. Veja como se tornam insensatas as frases feitas, tais como “revolucionário” ou “reacionário”, quando as examinamos em função de utilidade, quando a gente as toma *beim Wort nimmt* (Toma literalmente), como dizem os alemães.

LORENZ: Você não é nenhum revolucionário, embora ponha a língua toda de cabeça para baixo e trabalhe para o futuro. Você recusou noções como genialidade e intuição. Como explica seu processo de criação, aquilo que denominou “chocar” seus livros?

GUIMARÃES ROSA: Escrever é um processo químico; o escritor deve ser um alquimista. Naturalmente, pode explodir no ar. A Alquimia do escrever precisa de sangue do coração. Não estão certos quando me comparam com Joyce. Ele era um homem cerebral, não um alquimista. Para poder ser feiticeiro da palavra, para estudar a alquimia do sangue do coração humano, é preciso provir do sertão.

Diálogo com Guimarães Rosa, Günter Lorenz, em *Guimarães Rosa*, Coleção Fortuna Crítica, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1991.

Macunaíma

Mário de Andrade

Sinopse

"Mário na Rede", 1930. Gravura feita por Lasar Segall

Um poema herói-cômico, caçoando do ser psicológico brasileiro, fixado numa figura de lenda, à maneira mística dos poemas tradicionais. O real e o fantástico fundidos num plano. O símbolo, a sátira e a fantasia livre fundidos. Ausência de regionalismo pela fusão das características regionais. Um Brasil só e um herói só.

(Carta de Mário de Andrade ao professor Sousa da Silveira, em Telê Porto Ancona Lopez, *Macunaíma: a margem e o texto*)

Mário de Andrade, o autor de *Macunaíma*, sempre foi um pesquisador apaixonado de tudo que dizia respeito ao Brasil, sua história, seu folclore. Ao longo de anos, organizou fichas de leitura de um vasto material sobre nossa tradição. No final de 1926, foi passar férias na chácara de um tio seu, Pio Lourenço, perto de Araraquara (SP). Lá, escreveu em três dias, de 16 a 23 de dezembro, a sua obra-prima, *Macunaíma*, talvez o mais importante livro da primeira fase do Modernismo brasileiro. O livro foi corrigido e aumentado em janeiro de 1927 e publicado em 1928.

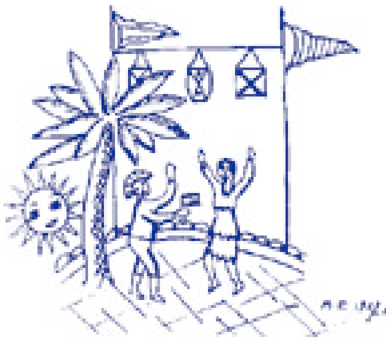
O próprio Mário definiu *Macunaíma* como uma *rapsódia*, isto é, a reunião, em uma mesma obra, de temas ou assuntos heterogêneos de origem variada. De fato, a narrativa tem como ponto de partida o livro de um alemão, Theodor Koch-Grünberg, sobre lendas mitológicas de índios do norte do Brasil (*Von Roraima zum Orinoco. II Mithen und Legenden der Taulipang und Drekuná*)[1] . Mário acrescentou às histórias que leu nesse livro uma série de narrativas populares recolhidas em vários outros autores estudiosos das nossas tradições afro-indígenas e do folclore nacional, mais uma série de conhecimentos eruditos sobre o Brasil e sua história. Depois, misturou e rearranjou tudo em uma história escrita em uma linguagem que tinha por base a fala do povo brasileiro. A professora Gilda de Mello e Souza sintetizou bem a miscelânea lingüística que é o livro:

Se atentarmos para o material que serviu a Mário de Andrade na elaboração da narrativa, veremos que ele testemunha a mesma mistura étnica da música popular, apresentando uma grande variedade de elementos, provenientes de fontes as mais diversas: aos traços *indígenas* retirados de Koch-Grünberg, Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues, Capistrano de Abreu e outros, vemos se acrescentarem ao núcleo central narrativas e cerimônias de origem *africana*, evocações de canções de roda *ibéricas*, tradições *portuguesas*, contos já tipicamente *brasileiros* etc. A esse material já em si híbrido, juntam-se as peças mais heteróclitas: anedotas tradicionais da História do Brasil; incidentes pitorescos presenciados pelo autor; episódios de sua biografia pessoal; transcrições textuais dos etnógrafos, dos cronistas coloniais; frases célebres de personalidades históricas ou eminentes; fatos de língua, como modismos, locuções, fórmulas sintáticas; processos mnemônicos populares, como associações de idéias e de imagens; ou de processos

1 Além desse livro, inúmeras outras obras contribuíram para a composição de *Macunaíma;* entre elas, podemos destacar:
- *A língua dos Caxinauás*, de J. Capistrano de Abreu.
- *O selvagem*, de Couto de Magalhães.
- *Poranduba amazonense*, de Barbosa Rodrigues.
- *O folclore no Brasil, com uma coleção de 81 contos populares organizada pelo Dr. João da Silva Campos*, de Basílio de Magalhães.
- *Lendas amazônicas*, de J. Oliveira Coutinho.
- *Ao som da viola*, de Gustavo Barroso.
- *Contos populares*, de Sílvio Romero.
- *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral.

retóricos, como as enumerações exaustivas – que segundo o próprio autor tinham a finalidade apenas poética de realizar “sonoridades curiosas” ou “mesmo cômicas”.

(Gilda de Mello e Souza, *O tupi e o alaúde: uma interpretação de Macunaíma*)



Capítulo Um* de *Macunaíma, presente na* Revista de Antropofagia, *maio de 1928

De maneira bastante sintética, a história é a seguinte: Macunaíma, índio da tribo tapanhumas, nasce às margens do rio Uraricoera, na Amazônia. Vive com os irmãos Maanape e Jiguê, até a morte da mãe, quando os três partem em busca de aventuras. O herói encontra Ci, Mãe do Mato, rainha das Icamiabas, tribo de amazonas; faz dela sua mulher e torna-se Imperador do Mato-Virgem. Ci dá à luz um filho, mas ele morre e ela também, logo em seguida. Antes de virar estrela no céu, ela dá a Macunaíma um amuleto, a muiraquitã (uma pedra verde em forma de lagarto), que o herói perde e vai parar nas mãos de Venceslau Pietro Pietra, o gigante Piaimã comedor de gente, que mora em São Paulo. Macunaíma e seus irmãos descem para a cidade grande para tentar recuperar a muiraquitã. Em São Paulo, assistimos à descoberta da civilização indus-trial por Macunaíma e suas lutas contra o gigante até recuperar o amuleto. Quando o herói consegue a façanha, retorna para o Uraricoera. Lá, sofrerá a perda dos irmãos e a vingança de Vei, a deusa do sol. Vei havia oferecido a Macunaíma uma de suas filhas em casamento, quando ele visitara o Rio de Janeiro. O herói fez um trato com ela de não andar mais atrás de mulher nenhuma, mas assim que fica sozinho corre atrás de uma portuguesa. Para se vingar, no final do livro, Vei, a Sol, faz Macunaíma sentir um forte calor que desperta seus insaciáveis desejos sexuais, então lança-o nos braços de uma Uiara, monstro disfarçado de bela mulher que habita o fundo dos lagos. O herói é destroçado e perde definitivamente a muiraquitã. Cansado de tudo, Macunaíma vai para o céu, transformado na constelação da Ursa Maior.

Na verdade, o interesse de Mário de Andrade com esse livro era colocar em discussão a questão da identidade brasileira: afinal, o que/como somos nós, brasileiros, socialmente, culturalmente e psicologicamente falando? O autor chegou a rascunhar três prefácios para o livro abordando diretamente essa questão, mas nenhum deles lhe agradou, por isso não os publicou. Vejamos como ele tentou colocar o problema, com sua linguagem peculiar, em alguns trechos do primeiro prefácio:

Este livro carece dumas explicações pra não iludir nem desiludir os outros.

Macunaíma não é símbolo nem se tome os casos dele por enigmas ou fábulas. É um livro de férias escrito no meio de mangas abacaxis e cigarras de Araraquara; um brinquedo. Entre alusões sem malvadeza ou seqüência desfatiguei o espírito nesse capoeirão da fantasia onde a gente não escuta as proibições, os temores, os sustos da ciência ou da realidade – apitos dos polícias, breques por engraxar. Porém imagino que como todos os outros o meu brinquedo foi útil. Me diverti mostrando talvez tesouros em que ninguém não pensa mais.

O que me interessou por Macunaíma foi incontestavelmente a preocupação em que vivo de trabalhar e descobrir o mais que possa a entidade nacional dos brasileiros. Ora depois de pelejar muito verifiquei uma coisa que parece certa: o brasileiro não tem caráter. Pode ser que alguém já tenha falado isso antes de mim porém a minha conclusão é (uma) novidade pra mim porque tirada da minha experiência pessoal. E com a palavra caráter não determino apenas uma realidade moral não em vez entendo a entidade psíquica permanente, se manifestando por tudo, nos costumes, na ação exterior no sentimento na língua da História da andadura, tanto no bem como no mal.

Mário e os primos na Fazenda Sta. Isabel em Araraquara, 1923

(O brasileiro não tem caráter porque não possui nem civilização própria nem consciência tradicional. Os france-

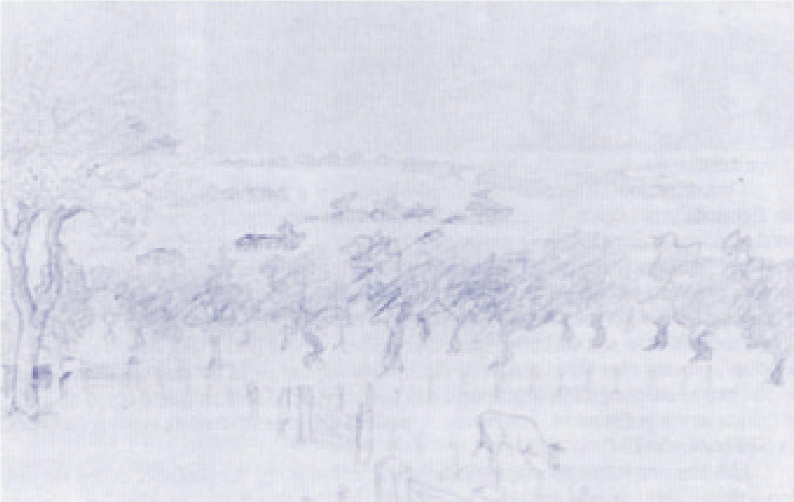
ses têm caráter e assim os jorubas e os mexicanos. Seja porque civilização própria, perigo eminente, ou consciência de séculos tenha auxiliado, o certo é que esses uns têm caráter.) Brasileiro (não). Está que nem o rapaz de vinte anos: a gente mais ou menos pode perceber tendências gerais, mas, ainda não é tempo de afirmar coisa nenhuma. Dessa falta de caráter psicológico, creio, otimistamente, deriva a nossa falta de caráter moral. D'aí nossa gatunagem sem esperteza (a honradez elástica/ a elasticidade da nossa honradez), o desapreço à cultura verdadeira, o improviso, a falta de senso étnico nas famílias. E sobretudo uma existência (improvisada) no expediente (...)

(Este livro afinal não passa duma antologia do folclore brasileiro.)

(Um dos meus interesses foi desrespeitar lendariamente a geografia e a fauna e flora geográficas. Assim desregionalizava o mais possível a criação ao mesmo tempo que conseguia o mérito de conceber literariamente o Brasil como entidade homogênea = um conceito étnico nacional e geográfico.)

(Primeiro prefácio escrito por Mário de Andrade para *Macunaíma*, em Telê Porto Ancona Lopez, *Macunaíma: a margem e o texto*)

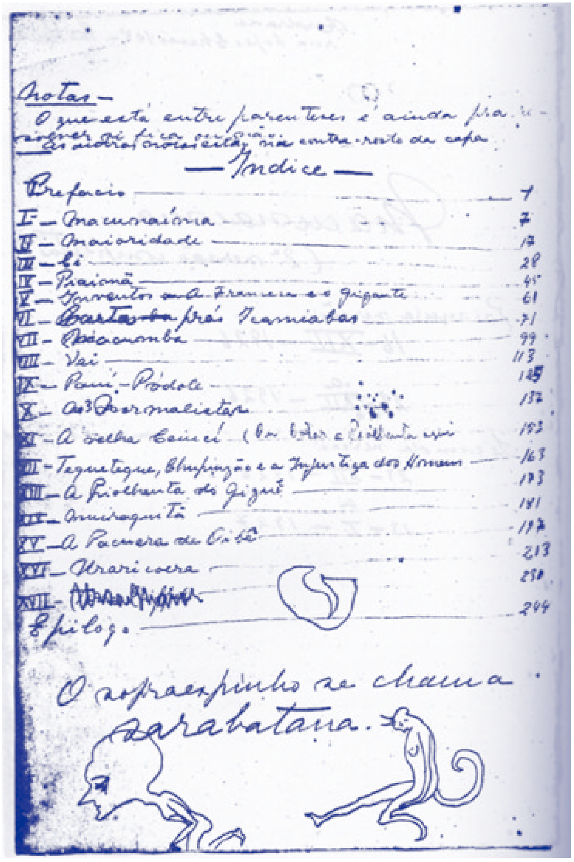
Na análise da estrutura e na interpretação do *Macunaíma*, que desenvolveremos mais adiante, voltaremos a essa questão da obra como uma investigação da identidade nacional. Mas, antes, vamos a uma apresentação mais aprofundada do enredo da narrativa.



Desenho de uma paisagem de Araraquara feita por Mário, 1943

Resumo do enredo

Antes de passarmos ao resumo, vale aqui uma observação: procuramos escrever tentando imitar o inimitável, o estilo do autor. É preciso reconhecer que a riqueza lingüística e a variedade de episódios tornam bastante complicada qualquer tentativa de fazer um “resumo” com o mínimo de fidelidade à ação e ao ritmo da narrativa. É uma obra de tal importância e complexidade que a sua leitura integral é obrigatória ao leitor que queira conhecer um mínimo de si mesmo ou de literatura, enquanto estudante e brasileiro.



Índice manuscrito de **Macunaíma**

I - Macunaíma

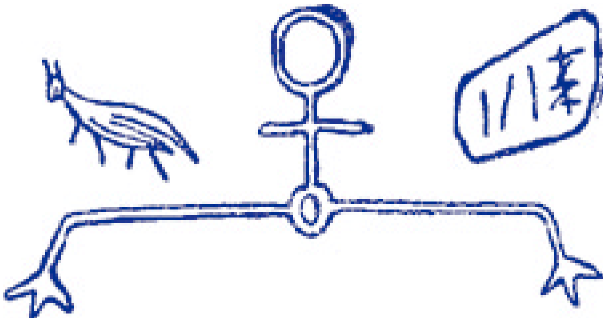
No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Preto retinto e feio, até os seis anos, o indiozinho tapanhumas só sabia exclamar:

“– Ai! que preguiça!...”

Só dandava pra ganhar vintém, gostava era de decepar cabeça de saúva, passar a mão nas graças das cunhatãs e cuspir nos machos. Mas respeitava os velhos e a religião da tribo. Um dia, numa pajelança, o Rei Nagô[2] disse que o herói era inteligente.

Quando Macunaíma inteirou seis anos e quis passear, sua cunhada Sofará, mulher de seu irmão Jiguê, foi levar. Chegaram no mato ele virou um príncipe lindo e brincaram até cansar. Jiguê bateu muito nela porque não tinha trabalho, mas ela não disse nada, e foi outras vezes no mato com o herói.

Depois o herói caçou uma anta sozinho, mas Jiguê só deu pra ele as tripas e ele jurou vingança. No outro dia, Jiguê viu o herói virando príncipe e brincando com Sofará; então pegou num rabo-de-tatu e mandou ver na bunda do herói, que só chorou.



Desenho representando o epitáfio gravado por Maanape, incluído no capítulo “Maioridade” do livro original

II - Maioridade

Jiguê era bobo e arranjou uma companheira nova, chamava Iriqui que era linda. Depois bateu a fome, caça não pegava, peixe também não e o sapo Maraguigana[3] mandou enchente que apodreceu o milharal, porque Maanape, o irmão mais velho do herói, matou um boto.

Macunaíma quis se divertir e na esperteza fez os manos campearem peixe no rio. Não acharam nada, não, e o herói espantou os mosquitos pra riba deles e se riu bastante.

Por causa da fome, o herói carregou todos os trens do mocambo[4] pro outro lado do rio, onde tinha muita comida, mas ficou com ciúme porque a mãe foi cortar banana pros manos e Iriqui, então levou tudo de volta pra inundação e ficaram roncando de fome outra vez. A velha ficou com raiva, levou o curumim pro Cafundó dos Judas, onde ninguém crescia, e deixou o herói lá sozinho.

Macunaíma topou o Currupira[5], que deu carne de comer pra ele; o herói fugiu, porque Currupira queria era comer ele. Depois encontrou a cotia[6], que deu aipim pro menino e jogou nele o caldo envenenado da mandioca. Macunaíma sarapantou, mas só conseguiu livrar a cabeça. Deu um espirro e virou homem taludo, porém com carinha enjoativa de piá[7].

2 Rei Nagô – rei negro iorubá.
3 Maraguigana – espírito ou alma que anunciava a morte.
4 Mocambo – choça ou rancho, habitação precária, seja para morar, seja para abrigo dos que cuidam das roças ou lavouras.
5 Currupira – ou Curupira, Deus que protege as florestas. Tem os pés voltados para trás.
6 Cotia – ou cutia, mamífero roedor comum em algumas regiões do Brasil.
7 Piá – menino, em tupi.

O herói voltou pro mocambo com dor de dente, sinal de morte de parente; era a mãe velha que ia morrer. No outro dia, ele brincou com Iriqui e foi morar com ela. Jiguê não gostou mas conformou, porque a maloca estava cheia de comida trazida pelo herói.

No outro dia, Macunaíma foi fazer um passeio em Pedra Bonita em Pernambuco. Quando chegava em Santarém, viu uma veada parida e ameaçou o filhotinho dela, ela veio vindo socorrer e Macunaíma flechou logo, matando a coitada. Ele foi ver a veada e o que viu foi a velha mãe, tinha sido peça do Anhanga[8].

O herói gritou, desmaiou e voltou para chamar os manos. Enterraram a mãe, fizeram jejum uns dias, se deram as mãos mais Iriqui e partiram por esse mundo.

III - Ci, Mãe do Mato

Uma feita, os quatro vinham penando de sede, com o lombo lascado pela Vei[9], a Sol, quando toparam com Ci[10], Mãe do Mato, uma cunhã linda. Macunaíma pulou nela pra brincar mas Ci não queria, principiaram a brigar feio e o herói só apanhava, até que gritou:

"– Me acudam que sinão eu mato! me acudam que sinão eu mato!"

Aí os manos vieram e agarraram Ci e amarraram ela pro herói brincar. Então muitas jandaias araras vermelhas tuins coricas periquitos e papagaios vieram saudar Macunaíma, o novo Imperador do Mato-Virgem. Foram seguindo caminho até parar na Venezuela, onde Macunaíma imperou sossegado e Ci comandava seu exército de mulheres. De noite brincavam muito, ela cheirosa, ele preguiçoso. Quando o herói enchia a cara, dormia no meio, então Ci passava urtiga no chuí[11] dele, que virava um leão. Nas noites de calor e insônia era um deus nos acuda de safanões e gozos, um deboche de tesão.

Seis meses depois Ci pariu um filho encarnado, vieram mulatas, futebóleres xodós seresteiros saudar. O filho tinha cabeça chata e o herói batia nela, falando pro guri:

"– Meu filho, cresce depressa pra você ir pra São Paulo ganhar muito dinheiro."

Mas veio a Cobra Preta[12] e chupou o peito de Ci até secar. No outro dia, o curumim chupou o peito da mãe, chupou e morreu. Depois do enterro, Ci deu pra Macunaíma uma muiraquitã[13] famosa e foi pro céu, virou a Beta do Centauro. No túmulo do filho, nasceu uma plantinha, o guaraná.

IV - Boiúna Luna

O herói fez um tembetá[14] da muiraquitã, chamou os manos e partiu, seguido pelas araras e jandaias... Chorava que só ele.

No caminho encontraram uma cachoeira, era Naipi, que tinha sido índia virgem escolhida pra dormir com a boiúna[15] Capei[16] num buraco cheio de esqueletos. Mas antes o índio Titçatê brincou com Naipi e fugiu com ela pro rio. Capei foi atrás, transformou Titçatê em uma planta mururê e Naipi em uma pedra que fazia cachoeira. Capei morava debaixo da pedra a vida toda, examinando se a índia não era mesmo virgem.

O herói chorou e jurou matar a boiúna se ela aparecesse. Ela apareceu e ele matou, mas a cabeça correu atrás, e ele mais os manos fugiram, e toparam com o bacharel de Cananéia e se esconderam num rancho. A cabeça queria ser escrava do herói mas ele não sabia e não abria a porta. Triste, a cabeça da boiúna Capei comeu que comeu um fio de geada que aranha tatamanha teceu pra riba, rumo do céu. Chegou lá pálida e gorducha, virou Lua que pinga suor frio de orvalho lá do campo vasto do céu.

8 Anhanga – deus do campo, protetor da caça, entre os tupis.
9 Vei – o sol, na língua dos taulipangues.
10 Ci – Mãe do Mato, nome criado por Mário de Andrade, segundo os métodos e crenças indígenas.
11 Chuí – pênis, na língua maxuruna.
12 Cobra Preta – cobra que se alimenta de pássaros. Não é venenosa. Foi comum em muitas regiões do Brasil a crença em que uma cobra viria à noite sugar o leite do seio de mulheres que amamentam.
13 Muiraquitã – artefato de jade (pedra verde), que se tem encontrado no Baixo Amazonas, especialmente nos arredores de Óbidos e nas praias entre a foz do rio Nhamundá e a do Tapajoz, e ao qual se atribuem qualidades de amuleto.
14 Tembetá – enfeite que os índios costumam colocar nos lábios.
15 Boiúna – duende noturno dos rios; embarcação mal-assombrada; mãe d'água.
16 Capei – kapei é a lua.

Porém na fuga da boiúna Macunaíma perdeu a muiraquitã. Campearam, campearam e não acharam. Perguntaram pra toda a gente do mato mas ninguém não sabia de nada. Bateu o desespero e o herói chorou, chorou.

O Negrinho do Pastoreiro[17] ficou com dó: mandou o uirapuru contar pra Macunaíma que a pedra tinha ido parar na mão do regatão[18] peruano Venceslau Pietro Pietra, que tinha virado fazendeirão na cidade de São Paulo.

Macunaíma chamou os manos e tocaram pra lá.

V - Piaimã

Macunaíma acordou cedo, deixou a consciência na ponta dum mandacaru alto na ilha de Marapatá, arranjou quarenta vezes quarenta milhões de bagos de cacau do seu tesouro e rumou pra São Paulo. No caminho Vei, a Sol, escaldava. Então o herói arranjou jeito de se lavar na água fria de uma cova. Mas o buraco era marca do pezão do gigante Sumé[19], santo que pregou evangelho pra indiarada. A água era benta e o herói ficou branco de olhos azuizinhos. Jiguê quis também e entrou na água, porém ela já estava suja do herói, por isso Jiguê só ficou meio cor de bronze vermelho. Na vez de Maanape só sobrou água limpa pras palmas das mãos e dos pés, ele continuou negro.

Chegando perto de São Paulo, o cacau não valia mais nada. Maanape era feiticeiro e trocou o cacau na bolsa por oitenta contos. Entraram na cidade grande pela boca da noite e Macunaíma se encantou com as cunhãs branquinhas filhas da mandioca, se esqueceu de Ci e escolheu três delas pra brincar. As moças levaram o herói pruma maloca[20] alta e brincaram numa rede estranha plantada no chão.

No outro dia o herói acordou perturbado com tantos filhos da mandioca nas ruas e a barulhada da bicharada de São Paulo. As cunhãs ensinaram pra ele que aquilo era bicho não, era máquina. O herói acreditou? Nem! Deu uma banana praquilo tudo e foi pra uma pensão com os manos. Pegou doença de sapinho das cunhãs e teve que chupar chave de sacrário pra sarar, que Maanape feiticeiro arranjou. Depois ficou uma semana matutando na máquina que mandava nos homens, porém os homens filhos da mandioca é que mandavam na máquina. Concluiu que dava empate.

Cansou de pensar, virou Jiguê em telefone e encomendou lagostas e francesas do cabaré. Acordou cansado e com saudade; resolveu agir pra achar a muiraquitã.

Venceslau Pietro Pietra era o gigante Piaimã que andava com o calcanhar pra frente e morava num casão do Pacaembu. Macunaíma e Maanape foram lá e ficaram caçando na árvore que ficava detrás do tejupar[21] do gigante. Mas ele apareceu, flechou o herói, picou ele em torresminho e jogou na polenta fervendo. Maanape foi atrás, ajudado pela formiga Cambgique e pelo carrapato Zlezlegue. Pegou bebida na adega e deu pro gigante, deu fumo pra Caapora[22] velha mulher dele. Maanape recuperou os pedacinho do herói, juntou em folhas de bananeira, soprou fumo nelas e Macunaíma saiu novo de dentro, meio pamonha ainda.

No outro dia, o herói acordou com escarlatina. Nem bem sarou, foi na casa dos ingleses catar uma smith-wesson na árvore garrucheira. Depois voltou lá e pegou balas na árvore baleira e uísque na árvore uisqueira. Chegou na pensão deu a garrucha pro Maanape, virou Jiguê em telefone e ligou pro gigante pra xingar a mãe dele.

VI - A francesa e o gigante

Macunaíma queria erguer um papiri[23], porém Maanape só sabia beber café e Jiguê só gostava de dormir. O herói botou bichinho no café e tatorana na cama. Quando os manos vieram, bichinho picou e tatorana chupou. Macunaíma riu e os manos então foram jogar tijolo

17 Negrinho do Pastoreiro – lenda do Rio Grande do Sul: um estancieiro (fazendeiro) cruel comprou um bom número de novilhos. Quando foi contá-los, deu por falta de um; sem mais demora, deu uma surra de relho no negrinho que pastoreava o gado, enterrando-o, em seguida, num formigueiro. No dia seguinte, indo ver a sua vítima, notou que do formigueiro se erguia uma nuvem e, envolvido nela, subia o menino ao céu. Ficou, então, o uso do acenderem velas ao Negrinho do Pastoreiro, quando querem reaver alguma coisa perdida.

18 Regatão – em Portugal, regatão é o que regata, isto é, que compra e vende miudezas. No Brasil é isso mesmo, mas caracteriza um tipo da Amazônia fabulosa. Não há quem fale do "Inferno Verde" que não refira o tequeteque ("turco") das cidades. O mascate bufarinheiro, ali chamado regatão.

19 Sumé – seria São Tomé, que teria vindo ao Brasil ainda antes dos colonizadores europeus, para evangelizar os índios.

20 Maloca – aldeia de índios.

21 Tejupar – ou tajupar, tijupar, tijupá, é termo geral que apelida cabana ou palhoça indígena.

22 Caapora – mistura de Currupira e Saci, duende maligno que habita as florestas brasileiras.

23 Papiri – barraquinha de seringueiro, erguida provisoriamente no meio da floresta.

pra ele construir o papiri. Jiguê virou tijolo em bola de couro, passou pra Maanape que deu um pontapé e mandou direto no nariz do herói, que esborrachou e doeu. O herói chutou a bola com raiva, ela foi cair no campo. O bichinho foi cair em Campinas. A tatorana foi cair por aí. Inventaram o futebol, o bicho-do-café e a lagarta-rosada, três pragas.

No outro dia Macunaíma disfarçou de francesa e foi fazer negócio com Venceslau Pietro Pietra, o gigante Piaimã comedor de gente. Ele muito gostou dela e mostrou pra francesa sua coleção de pedras de todo tipo e a mais jóia que era a muiraquitã. Não vendia nem emprestava a pedra, mas dava pra francesa... "conforme..." e foi se chegando rente dela na rede. O herói foi entendendo e cascou fora correndo pelo jardim. Quis se esconder numa moita porque o gigante vinha atrás, porém na moita tinha uma pretinha que não se arredava. A francesa deu um tapa e um pontapé nela e ficou presa, porque a pretinha era uma catita boneca de cera de carnaúba. O gigante tirou a francesa da armadilha e botou num cesto. O herói fugiu do cesto e ia indo embora, quando topou com o cachorro do gigante que danou correr atrás dele. Macunaíma fugiu depressa pra Guajará-Mirim, voltou pra Itamaracá, rumou pra Barbacena, chispou pro Paraná, foi pra Serra no Espírito Santo, fechou pra ilha do Bananal e acabou que se escondeu no olho de um formigueiro de trinta metros. O cachorro acuou até que o dono gigante Piaimã chegou. Ele enfiou um pau de palmeira no buraco, tacou formigas anaquilãs e cadê de francesa? Jacaré saiu? Nem ela! Quando o gigante ameaçou buscar a jararaca Elitê, a francesa falou: "Já vou!".

Porém antes o herói foi tirando aquele monte de trem de roupa e passando pra fora do formigueiro, peça por peça. O gigante pegava e tacava longe, raivoso ansioso. Então Macunaíma botou o fiofó pra fora, o gigante pegou o herói pelo fiofó e tacou longe sem ver quem era.

Macunaíma chegou na pensão quebrado e com inveja. Queria ser colecionador célebre que nem Venceslau Pietro Pietra. Mas tinha preguiça de carregar pedras e decidiu que ia juntar tudo quanto era palavrão de tudo quanto era língua. Era a maior coleção do mundo. Cada bocagem!

VII - Macumba

O herói não tinha força pra bater nem matar o gigante Piamã. Pois então foi no Rio de Janeiro se socorrer de Exu em uma macumba no Mangue no zungu[24] da tia Ciata[25]. Foi lá com o garrafão de pinga e encontrou todo tipo de gente pobre rico pedreiros advogados poetas políticos ladrões e muitos funcionários públicos.

Macunaíma rezou e cantou e dançou com todos e bebeu cachaça e comeu o bode de Exu. Daí o santo desceu numa polaca[26] que caiu dura babando no chão. Tia Ciata veio e jogou sangue de bode nela, que abriu os olhos e já não era polaca, era Exu! Não se sabe o que deu em Macunaíma que gingou na sala, derrubou Exu e brincou com ele. Virou filho de Exu.

Então começaram os pedidos ao Diabo. O herói pediu uma surra no gigante Piaimã. Exu consentiu e fez o eu de Venceslau Pietro Pietra entrar no corpo da polaca. Macunaíma bateu que bateu. Depois mandou o eu do gigante no corpo da polaca tomar banho salgado e fervendo, pisar em vidro no meio de mato de espinho e urtiga no meio do gelo dos Andes, receber coice dum bagual, guampaço dum marruá, dentada de jacaré, ferroadas de formigas-de-fogo. Era horroroso. Até que Macunaíma não conseguiu inventar vingança mais nenhuma. Em São Paulo, Venceslau Pietro Pietra sofria tudo no seu corpo e os médios desesperavam.

Depois tia Ciata veio, rezou o Padre Nosso Exu e o corpo da polaca ficou saradinho são outra vez. Então fizeram a festa e os macumbeiros Macunaíma, Jaime Ovalle, Dodô, Manu Bandeira, Blaise Cendrars, Ascenso Ferreira, Raul Bopp, Antônio Bento, saíram todos na madrugada[27].

VIII - Vei, a Sol

Macunaíma mexeu com um pau de Volomã[28] que ficou com raiva e atirou o herói numa ilha deserta pra lá da baía de Guanabara. Ele caiu debaixo duma palmeirinha e dormiu. Urubu cagou em cima. Quando

24 Zungu – casa pobre de cômodos pequenos; casa de cortiço.
25 Tia Ciata – mãe de santo famosa no Rio de Janeiro do início do século.
26 Polaca – polonesa. Muitas imigrantes polonesas que vieram para o Brasil tiveram de se prostituir para sobreviver. Por isso a gíria "polaca" passou a ser sinônimo de prostituta branca, de qualquer origem.
27 Todos os nomes citados são de amigos de Mário de Andrade, a maioria deles participante ativa do início do movimento modernista no Brasil.
28 Volomã – um sapo da mitologia dos índios taulipangues; em *Macunaíma* aparece como uma árvore.

o herói acordou de noite, desacoroçoado de viver, pediu pra Caiuanogue[29] , a estrela da manhã, carregar ele pro céu. Mas ele fedia muito e ela fez:

"– Vá tomar banho!"

Nem Capei, a lua, quis ajudar o herói. E o urubu fazendo em riba dele, que a pedra da ilha era pequetitinha.

Vinha vindo Vei, a Sol, que botou o herói numa jangada e fez as três filhas limparem o herói, catarem os carrapatos e examinarem as unhas dele. Depois a boa Sol poncho dos pobres fez o herói adormecer, porém ele foi gostando dos cafunés das filhas da velha Vei. As cunhatãs agarraram a mãe e amarraram bem ela, Macunaíma socou bem a barriga da bruaca e principiou um calorão, batendo uma quebreira de preguiça no herói. Adormeceu. Acordou de frente pro cerradão da Avenida Rio Branco onde Vei, a Sol, morava com suas três filhas.

Vei queria que Macunaíma casasse com uma das filhas dela mas não podia mais brincar com outras cunhatãs não. O herói topou e jurou pela mãe. Porém logo que Vei e as filhas foram embora bateu vontade de brincar. De pé na jangada, ele exclamou solene, de estalo:

"– POUCA SAÚDE E MUITA SAÚVA, OS MALES DO BRASIL SÃO!"

Pulou pra terra e logo encontrou uma varina[30] portuguesa que cheirava a peixe, foram pra Jandaia e brincaram bastante.

Quando Vei e suas filhas vieram de volta e viram o herói com a portuguesa, ralharam com ele e desfizeram o trato do casamento. Antes de ir se embora, a Sol deu de presente pra Macunaíma a pedra Vató que dá fogo quando a gente quer.

De noite o herói foi dormir com a portuguesa num banco do Flamengo, apareceu Mianiquê-Teibê[31] , assombração medonha, e comeu ela. O herói trocou a pedra Vató por um retrato no jornal e foi simbora de volta pra São Paulo.

IX - Carta pras icamiabas

Às mui queridas súbditas nossas, Senhoras Amazonas.

Trinta de Maio de Mil Novecentos e Vinte e Seis, São Paulo.

Senhoras:

Em São Paulo, vós sois conhecidas por Amazonas, que cavalgam belígeros ginetes desde a Hélade clássica. Não vos surpreendeis, convenhais que assim ficais mais heróicas e conspícuas.

Mas passemos ao relato de nossos feitos. Nem cinco sóis eram passados que de vós partíramos quando perdemos a muiraquitã ou muraquitã, muyrakitan e até muraqué-itã, segundo os doutos. Mas não discreteemos sobre a língua portuguesa.

O que vos interessa é saberdes que por cá valem pequeninas e voláteis folhas de papel a que o vulgo chamará dinheiro – o "curriculum vitae" da Civilização. Por cá muiraquitã de nada vale, senão para ferir os latinos ouvidos do vosso Imperador.

Estamos em São Paulo avisados por um arcanjo maravilhoso, que nos disse estar o talismã perdido com o doutor Venceslau Pietro Pietra, súbdito do Vice-Reinado do Peru e de origem francamente florentina, como os Cavalcântis de Pernambuco. Mas é incontestável, súbditas, que nos achamos precários. O tesouro daí convertemos mal em moeda corrente do país, devido à baixa do cacau e às oscilações do câmbio.

Sabeis também que as moças daqui só brincam a chuvas de vil metal, champagne e lagostas. Carecemos pois de alvíssaras para brincar com tais difíceis donas. Quiséramos nos abster delas, mas quem há de? São alvíssimas, vestidas de rutilantes jóias e panos finíssimos. Assaz ganharíeis em aprenderdes com elas a subtil arte do amor que elas aprenderam com as mestras de França.

Os paulistas constroem generosos hospitais que abrigam toda sorte de leprosos sulamericanos, mineiros, paraibanos, peruanos, bolivianos, chilenos, paraguaios. Há por este país tantas doenças e insetos por cuidar, ó Senhoras minhas, que criamos um dístico em que se encerram os segredos de tantas desgraças:

"POUCA SAÚDE E MUITA SAÚVA, OS MALES DO BRASIL SÃO"

29 Caiuanogue – a estrela d'alva.
30 Varina – vendedora ambulante de peixe, comum no norte de Portugal.
31 Mianiquê-Teibê – herói indígena que perdeu a cabeça porque usou indevidamente os distintivos de cacique.

Moram os paulistanos em palácios de dezenas de andares, atacados por nuvens de pernilongos, que fazem uma excitação tal nos munícipes, de modo que anualmente surgem nos bairros miseráveis uma multidão de "italianinhos" destinados a alimentarem as fábricas dos áureos potentados como escravos. E o palácio do Governo é todo de oiro, há doze mil fábricas de seda e os Cafés maiores do mundo.

Espantar-vos-eis de saber que falam numa língua e escrevem noutra. Na conversação, utilizam desprezível e bárbaro linguajar, mas quando tomam da pena derramam proezas no meigo idioma de Camões. E há ainda o lídimo italiano. Vimos nos inteirando das tertúlias gramaticais; adquirimos livros bilíngües a que chamam "burros" e aprendemos algumas citações de célebres filósofos latinos e de testículos da Bíblia.

Há ainda os políticos; monstros de audácia, sapiência, honestidade e moral. Pouco têm de humanos e obedecem ao Papai Grande que habita a cidade maravilhosa do Rio de Janeiro.

Porém não haveremos gozo nem descanso enquanto não reouvermos o perdido talismã. Mandai pois o cacau para que possamos levar a bom termo as negociações já entabuladas e bem encaminhadas com o doutor Venceslau.

Recebei a minha bênção. Saúde e fraternidade. Não vos esqueçais das alvíssaras de que muito havemos mister.

Ci guarde a Vossas Excias.

Macunaíma Imperator.

X - Pauí-Pódole[32]

Enquanto Piaimã se recuperava da sova, Macunaíma conheceu na pensão o índio Antônio e sua companheira Mãe de Deus, que batizaram o herói na religião Caraimonhaga[33] . Aproveitou também pra se aperfeiçoar nas duas línguas da terra, o brasileiro falado e o português escrito. Cada dia tinha feriado novo inventado pros brasileiros descansarem. No Domingo do dia do Cruzeiro, foi no Ipiranga ver fogo-de-artifício com uma cunhã louríssima chamada Fräulein. Um mulato trepou numa estátua e começou a fazer discurso dizendo que aquelas quatro estrelas que eram o Pai do Mutum é que eram o Cruzeiro. O herói teve raiva e berrou:

"– Não é não!"

Subiu na estátua e contou a história todinha do Pai do Mutum. Uma vez o cunhado de Camã-Pabinque foi caçar e topou com Pauí-Pódole, o Pai do Mutum, e o vagalume Camaiuá. O cunhado quis matar o Pauí-Pódole mas ele estava num galho muito alto. Voltou pra maloca e contou pra companheira dele que contou pro irmão dela feiticeiro, Camã-Pabinque. Então ele foi lá no mato e foi virando em formiguinha até conseguir entrar no nariz do Pauí-Pódole e picar. Mas o pássaro assustou, avoou e espirrou. Depois não quis padecer mais com formiga e pediu pro cumpadre dele vagalume Camaiuá que fosse alumiando o caminho pro céu. Camaiuá chamou uma nuvem de vagalumes e fez. Pauí-Pódole, o Pai do Mutum, avoou pro céu e virou as quatro estrelinhas. Que Cruzeiro nada!

O povaréu comovido foi se retirando feliz com as explicações do herói. Macunaíma ficou comovido também, em riba da estátua. E Pauí-Pódole até se riu pra ele agradecendo e piou comprido feito trem-de-ferro.

XI - A velha Ceiuci

No outro dia o herói acordou constipado esperou quinze dias e foi com os manos no bosque da Saúde caçar. Pegaram nada, só dois ratos que Macunaíma comeu chamuscados. Depois na pensão ele mentiu pra todo mundo que tinha pegado dois veados mateiros. Mas a gente descobriu, então ele disse que mentiu sem querer.

Sentiu saudades de Ci e ficou com os manos chorando tempo bom que não volta mais.

32 Pauí-Pódole – o pai do mutum na mitologia indígena; o Cruzeiro do Sul.
33 Caraimonhaga – religião indígena que se baseava em um sincretismo com a religião católica, comum nos sertões brasileiros.

No outro dia mentiu pros manos que tinha visto rasto fresco de tapir em frente da Bolsa de Mercadorias. Foram pra lá, o povo juntou ajudando a caçar e nada de rasto. Só no fim da tarde descobriram que era manha do herói. Então quiseram linchar ele, porém Macunaíma saiu dando bordoada até ser preso por uns grilos[34] muito atrapalhados que não falavam português. Alguém pediu pra soltar o herói, virou um furdunço danado e ele aproveitou pra fugir pegando um bonde que ia pra casa do gigante.

Venceslau Pietro Pietra ainda estava todo enfaixado que nem saco de algodão tomando a fresca com a velha Ceiuci[35] e as duas filhas. Apareceu o curumi Chuvisco e Macunaíma apostou com ele que assustava o gigante. Da esquina tacou tudo quanto é palavrão xingamento bocagem no gigante mas ele nem txuns. Chuvisco foi quem virou em nuvem e depois mijou uma chuvinha fina que espantou o gigante com a família pra dentro de casa. Macunaíma com inveja falou pro curumi Chuvisco:

"– Pois então, rival: Vá-pá à-pá mer-per-da-pá!"

Voltou pra pensão e foi roubar anzol de inglês pra poder pescar. Virou piranha, roubou e depois virou o inglês na máquina London Bank só de caçoada.

No outro dia foi no Tietê pescar. Mas apareceu a caapora Ceiuci querendo bater tarrafa no herói. Mandou marimbondos e formigas até derrubar Macunaíma n'água e pescar ele. Levou o herói pra casa e foi acender fogo pra comer o pato. Porém a filha mais nova desembrulhou o pato que era Macunaíma e levou pro quarto onde brincaram e ficaram se rindo.

Veio a velha Ceiuci com a filhona mais velha habilidosa pegar o pato de volta. Mas a moça bondosa deixou o herói fugir pela janela. Ele correu até a esquina, montou num cavalo cardão-pedrez e fugiu, Ceiuci atrás. Macunaíma foi até perto de Manaus dobrou até perto de Mendoza na Argentina chegou num lugar onde os padres o esconderam até a caapora Ceiuci passar, trocou de cavalo e galopeou galopeou até o Ceará o Rio Grande do Norte a Paraíba o Piauí o Pernambuco, por quatro dias foi decifrando letreiros em pedras nesses lugares. Ceiuci vinha chegando e o herói pediu ajuda, se escondeu numa biboca dum surucucu[36] que tinha parte com o canhoto. A Ceiuci passou de novo e Macunaíma partiu.

Varou o chapadão dos Parecis entrou na caatinga deixou a margem do São Francisco quando topou com Maria Pereira[37], escondida no buraco desde a guerra com os holandeses. Da outra banda do rio Chuí, topou com Tuiuiú pescando, que se transformou na máquina aeroplano pra levar Macunaíma pra casa. Passaram por Urucuia Itapecerica e nas dunas de Moçoró. O herói quis dar carona pra Bartolomeu Lourenço de Gusmão[38], que não foi.

Foram pra Mato Grosso Santana do Livramento Bahia e outras terras, até que toparam de novo com o Tietê, Macunaíma pagou Tuiuiú com dez contos e um ditado:

"– Neste mundo tem três barras que são a perdição dos homens: barra de rio, barra de ouro e barra de saia, não caia!"

A filha nova bondosa da caapora foi expulsa de casa e virou cometa no céu, batendo perna de déu em déu.

XII - Tequeteque[39], chupinzão e a injustiça dos homens

No outro dia Macunaíma acordou com sarampão. Maanape buscou o curandeiro Bento de Beberibe. O herói sarou e foi ver o gigante, porém Piaimã tinha viajado pra Europa com a família pra descansar da sova. Macunaíma ficou contrariado. Maanape e Jiguê inventaram do mano virar pintor pra ganhar pensão do governo na Europa mas não deu certo. Então o herói foi na Cantareira passear e um tequeteque passou e ofereceu um gambá que cagava prata. Macunaíma duvidou e o turco mostrou, mas era porque ele tinha feito o bichinho engolir as pratinhas. O herói deu seus últimos quarenta contos em troca do gambá e o tequeteque sumiu no mundo. Quando descobriu o logro, Macunaíma ficou zangado e pobre. Ele e os manos campearam tesouro enterrado por uma semana nesse brasilzão e nada. Então o herói inventou de jogar no bicho.

34 Grilo – gíria para guarda-civil, policial.
35 Ceiuci – velha gulosa que aparece em lendas indígenas.
36 Surucucu – cobra muito venenosa típica do Brasil.
37 Maria Pereira – figura lendária que teria se escondido em um buraco durante a guerra contra os holandeses no período colonial e nunca mais saído de lá. Há um lugar às margens do rio São Francisco chamado de "Buraco de Maria Pereira".
38 Bartolomeu Lourenço de Gusmão – o "Padre Voador", português que, no século XVIII, tentou fazer voar um engenho a que chamavam "Passarola".
39 Tequeteque – termo usado na amazônia para mascate, vendedor ambulante.

Um dia, meditando na injustiça dos homens, Macunaíma viu chupim explorando um tico-tico. Chupinzão chorava, ticotiquinho pensava que era filhote dele e saía pra buscar comida. O herói ficou triste porque viu naquilo a injustiça dos homens. O herói pegou num porrete e matou o ticotiquinho.

Pra frente encontrou um macaco mono comendo coquinho que quebrava com pedra no vão das pernas. Macunaíma quis saber o que era e o macaco mono disse que estava quebrando os toaliquiçus[40] dele pra comer. O herói desconfiou mas o mono era esperto e fez ele querer experimentar. Macunaíma foi e juque! um paralepípedo nos toaliquiçus. Caiu morto. Macaco mono caçoou e se foi.

O advogado Fulano passou, viu o corpo e levou pra pensão. Maanape arrumou dois cocos-da-bahia e fez bagos novos pro herói, que foi se erguendo. Depois jogou no bicho e deu. Viveram com os palpites do mano velho. Maanape era feiticeiro.

XIII - A piolhenta do Jiguê

No outro dia, o herói acordou com erisipela. Passou a semana lendo 1anúncios n'*O Estado de São Paulo* e quando sarou da erisipa foi na cidade buscar sarna pra se coçar. Banzou banzou e sentou no parapeito da fonte do monumento a Carlos Gomes no Anhangabaú. Quando viu uma embarcação linda vinha vindo sobre as águas. Era grande por demais e Macunaíma gritou sarapantado. Juntou gente e um chofer japonês explicou que era um transatlântico. Quem vinha bancando o piróscafo[41] Conte Verde era a Mãe-d'água[42], pra atentar o herói. Ele se despediu da choferada e pulou no cais da fonte pedindo carona pra Europa, pra ir atrás do gigante Piaimã. Porém todos os marujos argentinos finíssimos e cunhãs lindíssimas do navio soltaram vaias pro herói, o transatlântico soltou uma fumaça de pernilongos e desapareceu. Macunaíma ficou penando todo mordido e com mais erisipa. Então voltou pra pensão.

Jiguê arrumou uma companheira que se chamava Suzi e ficou namorando o herói. Jiguê desconfiou e ficou com dor-de-corno. Um dia o mano pegou Macunaíma com a companheira no Jardim da Luz e sentou o pau neles. Outro dia o herói brincou de novo com Suzi e Jiguê chegou o porrete com vontade neles. Até que um dia o mano encheu e mandou Suzi embora. Ela catou todos os piolhos que tinha, atrelou numa cadeira-de-balanço, sentou nela, os piolhos pularam e Suzi foi pro céu virada na estrela que pula.

XIV - Muiraquitã

No outro dia Macunaíma abriu a janela e viu passarinho verde. Logo Maanape chegou contando que a máquina jornal anunciava a volta de Venceslau Pietro Pietra.

De noite o herói foi tocaiar a casa do gigante. Mas a casa estava sem ninguém e logo apareceu Emoron-Pódole[43], o Pai do Sono. Macunaíma quis matar ele, mas não conseguiu. Depois foi espiar um chofer brincando com uma criadinha; pra noite passar depressa, foi prosear com eles, contando casos de como a onça parda Palauá virou automóvel fugindo da tigre preta.

Logo chegou o gigante na onça fíate acompanhado de repórter. Piaimã entrou com o rapaz e fez ele balançar no cipó de japecanga que tem espinho, até sangrar todinho e cair de molho no macarrão que caapora estava preparando.

Então o gigante foi buscar Macunaíma e queria que ele fosse no balanço de japecanga, mas o herói dizia que estava com preguiça:

"– Eu até que nem não sei balançar... Milhor você vai primeiro."

40 Toaliquiçus – palavra sem sentido preciso, usada por Mário de Andrade com o significado de "testículos".
41 Piróscafo – nem o dicionário *Aurélio* nem os principais glossários sobre o *Macunaíma* registram o significado da palavra, usada aqui como sinônimo de transatlântico.
42 Mãe-d'água – ou Uiara, Iara ou Iemanjá. Sereia dos rios e lagos, comum nas lendas amazônicas; atrai os homens para o fundo das águas para devorá-los.
43 Emoron-Pódole – o pai do sono.

Piaimã não queria mas Macunaíma insistiu e ele foi primeiro. Aí o herói foi balançando balançando até que Venceslau Pietro Pietra caiu no molho de macarrão da caapora todo sangrado. Antes de morrer ainda reclamou:

– Falta queijo!

Macunaíma foi buscar a muiraquitã e voltou de máquina bonde pra pensão, chorando e gemendo de emoção.

XV - A pacuera de Oibê

O herói e os manos voltaram embora. Macunaíma estava numa satisfa danada. Antes de ir, transformou São Paulo num bich o preguiça gigante todinho de pedra. Levara a muiraquitã balangando no beiço, o revólver Smith-Wesson e o relógio Pathek balangando de brincos nas orelhas e uma gaiola com um casal de galinha Legorne pendurado no braço.

Desciam o Araguaia de rodada. Vei, a Sol, castigava despeitada o lombo, mas o herói chamou de volta o seu cortejo sarapintado de pássaros pra fazer sombra. Feliz passava o tempo cantando feito maluco modinhas na viola. Uma noite olhando Capei, a Lua, lembrou com saudade das filhas da mandioca, as donas polacas de pele alvinha com quem tanto brincara. Depois lembrou com ciúmes de Ci no céu sozinha. Dormiu. Acordou pra ir no mato buscar Iriqui, com quem muito brincou.

Depois de dias, enfarado, resolveu dormir em terra firme. Topou com o monstro Mapinguari que faz mal pras moças. Ele quis agarrar Macunaíma mas o herói botou o toaquiçu[44] pra fora e pediu passagem. Foi.

Bem pra frente topou com o rancho de Oibê, o monstro minhocão temível. O herói tremeu, lembrou do Smith-Wesson e pediu pousada. Oibê deu. Ficaram uma hora conversando porcariada. Macunaíma fingiu fome e pediu comida. Oibê deu feijão com cará e farinha d'água mas nada de oferecer a pacuera[45] que estava assando e cheirando bem. Então o herói fingiu sede; Oibê foi buscar água, enquanto isso Macunaíma engoliu a pacuera inteira. Depois foi dormir no quarto de hóspedes cheio de baratas.

Quando Oibê pôs reparo que o herói tinha comido a pacuera, foi assombrar ele só de brincadeira. Macunaíma atirou no monstro, e nada. Então desembestou a correr agreste afora acochado pelo minhocão: atravessou o Sergipe, encontrou o frei Francisco da Soledade[46] na gruta de Bom Jesus da Lapa, com Hércules Florence[47] mais adiante inventando a fotografia, correu tanto até que voltou pra porta do rancho de Oibê. Se escondeu debaixo dos ramos do caramboleiro que virou numa princesa muito chique. Porém Oibê vinha estourando por aí, não dava tempo de brincar, não. Agarrou a princesa e fugiu. Se esconderam num buraco de sapopemba. Oibê veio, viu. Pediu pra garça vigiar o herói; enquanto ele ia buscar enxada pra cavar. Macunaíma jogou formiga no olho da garça e fugiram. Oibê atrás. Perto de Santo Antônio Mato Grosso comeram banana, depois foram pro Araguaia. Porém Maanape Jiguê a linda Iriqui dormiam todos na igarité abicada na outra margem. O herói deu um jeito e foram pra lá, quando Oibê chegou, estavam longe. Então o minhocão que era lobisomem virou cachorro-do-mato, escancarou a goela e soltou uma borboleta azul que era alma de homem presa no corpo do lobo por feitiço do Carrapatu[48].

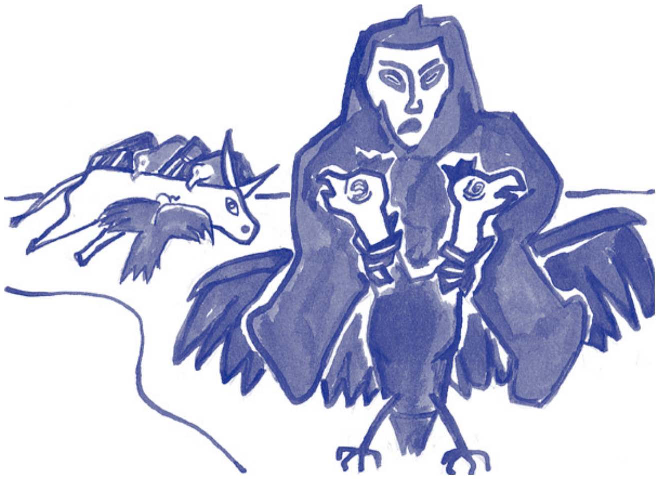
O herói só queria saber de brincar com a princesa, por isso Iriqui ficou triste triste, chamou seis araras-canindés e subiu com elas pro céu, viraram estrelas. É o Setestrelo.

XVI - Uraricoera

No outro dia Macunaíma amanheceu com impaludismo. Não güentava nem brincar. Quando chegaram na tapera do Uraricoera, manos e a princesa foram pescar, o herói foi na ilha de Marapatá buscar sua consciência. Não achou mas pegou uma dum hispanoamericano, botou na cabeça e serviu. Voltou pro Uraricoera.

44 Toaquiçu – palavra sem sentido definido, usada no texto com o significado de pênis.
45 Pacuera – vísceras de boi, porco ou carneiro.
46 Frei Francisco da Soledade – Mendonça Mar, criador da Igreja de Bom Jesus da Lapa, que fica no rio São Francisco.
47 Hércules Florence – secretário da Expedição Langsdorf ao Brasil, teria feito estudos sobre fotografia.
48 Carrapatu – variante do Tutu Marambá, ou bicho-papão.

Macunaíma sumia todo dia dizendo que ia caçar, porém não trazia nada e os manos desconfiaram. Então Jiguê foi pescar e viu o feiticeiro Tzaló pegar um despropósito de peixe com uma cabaça encantada. Roubou a cabaça dele e voltou pra tapera carregado de pesca. O herói desconfiou. No outro dia foi atrás e descobriu tudo, roubou a cabaça e, na pressa de matar os peixes, atirou ela por aí. A piranha Padzá passou e comeu a cabaça que virou bexiga dela. Macunaíma voltou pra tapera e contou o sucedido. Jiguê ficou com raiva. Além do mais o herói contou uma lorota sem tamanho que tinha caçado veado.



No outro dia Jiguê saiu pra caçar e roubou a violinha encantada do tatu-canastra Caicãi que nunca teve mãe. A violinha chamava caça. Voltou carregado pra tapera. Todos se sarapantaram e Macunaíma desconfiou. No outro dia seguiu Jiguê, viu tudo, roubou a violinha e tocou. Apareceu tanto bicho que ele se assustou, pinchou longe a violinha e saiu numa carreira doida, batendo a gaiola de Legornes nos paus. O galo e a galinha cacarejaram de ensurdecer e o herói disparou mais assustado. A gaiola voou longe, espedaçou, os bichos comeram. Macunaíma chegou na tapera botando os bofes pela boca e contou tudo. Jiguê teve ódio e disse que não pescava nem caçava mais não.

Porém Jiguê teve fome, pediu emprestado anzol do herói envenenado com sucuri, enfiou na palma da mão pra experimentar. Veneno entranhou e cresceu uma ferida leprosa que comeu Jiguê, só ficou a sombra leprosa dele. A princesa ficou com ódio do herói porque ultimamente andava brincando com o mano.

No outro dia Macunaíma acordou com fome, foi andando e desviando da sombra de Jiguê virada em cajueiro cheio de frutas e churrasco de veado fumegando. A sombra leprosa queria pegar o herói. Depois de légua e meia o herói estava vesgo de fome, por isso não reparou que uma bananeira era a sombra de Jiguê, então devorou as pencas de bananas. Mas o herói ficou leproso foi passando a doença pras formigas saúva jaguataci quiquém tracuá mumbuca e pro mosquito birigüi. Como passou doença pra sete gentes, o herói ficou são novamente.

De noite a sombra leprosa de Jiguê veio, chamou a princesa e Maanape pra fora da maloca e engoliu eles. Macunaíma se escondeu até aparecer a manhã. Quando o herói saiu da maloca, a sombra trepou no ombro dele, que não maliciou nada. Tudo que o Macunaíma pegava pra comer a sombra engolia antes, até que o herói espertou, jogou um peixe lá na Guiana, sombra foi atrás e ele gavionou mato fora no sentido oposto.

Quando a sombra voltou, disparou no rasto dele. O herói fugiu até o Piauí, deu um trompaço num boi marruá que saiu galopando, a sombra montou nele e o boi morreu porque ela não deixava o coitado comer nada. Durante a corrida a sombra foi cantando e cantou também quando o boi morreu, e urubus cantaram na festa da carniça do boi e assim nasceu a festa linda do Bumba-Meu-Boi ou Boi-Bumbá. Porém a sombra teve raiva de comerem o boi dela e pulou no ombro do urubu-ruxama, o Pai do Urubu, o urubu-rei que desde esse dia tem duas cabeças.

XVII - Ursa Maior

Macunaíma ficou sozinho naquele silêncio, cochilando sua preguiça, ah!... que preguiça!... à beira-rio do Uraricoera. Teve que abandonar a tapera que estava caindo, mas o impaludismo não lhe dava coragem pra nada, então botou a rede entre dois cajueiros. Um dia os passarinhos todos do cortejo foram embora pra um milharal, só sobrou um aruaí falador, pra quem o herói ensinava os casos que tinham sucedido com ele.

Uma vez o aruaí xingou a Papaceia que é a estrela Vésper e Macunaíma contou pra ele a história dela. Papaceia era Taína-Cã e relumeava lá no campo vasto do céu. Foi quando a solteirona Imaerô filha do morubixaba Zozoiaça da tribo carajá se apaixonou por Taína-Cã. Ele desceu do céu porém era um coroca enrugado tremelicando e Imaerô não quis mais não. Então a filha mais nova de Zozoiaça, Denaquê, teve pena e se casou com o coroca Taína-Cã. O velhinho deu pra ela a noite mais gostosa de amor. Ele saía todos os dias pra trabalhar mas proibia Denaquê de ir no roçado ver. Ele ia pro céu e buscava as coisas que aqui não existiam. Mas ela muito curiosa foi lá e descobriu que ele era na verdade um rapaz muito brabo mucudo. Quando voltaram pro mocambo muito se rindo, Imaerô quis Taína-Cã de volta, porém ele não quis. Imaerô virou na ave araponga que grita amarelo de inveja. Por causa de Taína-Cã, os carajás aprenderam a plantar e colher mandioca fumo milho. Mas Denaquê ambiciosa deu pra namorar com todas as estrelinhas do céu. Taína-Cã que é a Papaceia até orvalhou de tão triste. Voltou pro céu e trouxe mais nada não. Assim o papagaio dormiu.

Uma feita em janeiro Macunaíma acordou com pio agourento do tincuã. O aruaí desaparecera, só sobrando o galo e a galinha legornes na gaiola. Vei, a Sol, escorregava pelo corpo do herói fazendo cosquinhas e ele se alembrou que há muito não brincava. Resolveu tomar banho frio pra espantar as vontades. Tirou as teias de aranha que cobriam a rede e foi no lagoão do vale de lágrimas. No fundo da lagoa estava uma cunhã lindíssima. Macunaíma enxergava uma cunhã alvíssima, mas era a Uiara[49], morena e coradinha, de cabelos curtos e negros. Uiara ficava chamando o herói. Porém a água estava fria e ele não criava coragem. Sol teve raiva, lascou uma sova de rabo-de-tatu no lombo de Macunaíma que estremeceu de calor e caiu n'água. Vei, a Sol, chorou pela vitória.

Quando Macunaíma se ergueu das águas estava estraçalhado, todo mordido sem perna direita sem dedões sem cocos-da-bahia sem orelhas sem nariz sem tesouros sem beiço nem muiraquitã. O herói teve ódio de Vei e tacou um ovo nela, por isso a Sol tem as bochechas vermelhas até hoje. Depois envenenou a lagoa pra matar os peixes e caçar a muiraquitã dentro deles. Jacaré achou? Nem ele! Achou tudo e colou de volta, menos a perna e a muiraquitã, engolidas pelo monstro Ururau que não morre nem a pau.

Macunaíma não achou mais graça nessa terra. Pensou em voltar pra cidade da pedra mas não. Pensou na ilha de Marajó mas não. Enfim decidiu:

"– Qual o quê!... Quando urubu está de caipora o de baixo caga no de cima, este mundo não tem jeito mais e vou pro céu."

Ia pro céu viver com a marvada, virar mais um brilho inútil de constelação junto com todos seus parentes. Plantou uma semente do cipó matamatá, pegou a gaiola dos legornes e subiu pro céu. Pediu abrigo pra Capei a lua, pra Caiuanogue, a estrela-da-manhã, pra Pauí-Pódole, o Pai do Mutum, porém ninguém não deu.

Então Pauí-Pódole virou o herói capenga e seus trens na Ursa Maior. A Ursa Maior é Macunaíma, que de tanto penar na terra sem saúde e com muita saúva, se aborreceu de tudo, foi-se embora e banza solitário no campo vasto do céu.

Epílogo

Acabou-se a história e morreu a vitória. Um silêncio imenso dormia à beira do Uraricoera. Uma feita um homem foi lá e no seu peito doendo de mudez da natureza caiu uma voz da ramaria. Era um papagaio que o homem pegou. Era o aruaí de Macunaíma imperador do mato virgem. Tudo ele contou pro homem. E o homem sou eu, minha gente, que ponteei na violinha e botei a boca no mundo cantando na fala impura do povo os casos de Macunaíma, herói de nossa gente. Tem mais não.

49 Uiara – Iara, Mãe-d'água.

Foco narrativo

No "Epílogo" do *Macunaíma*, ficamos sabendo que a história fora contada ao narrador pelo papagaio do herói, que aprendera com ele todos os casos de suas aventuras. Teríamos então, na obra, um foco narrativo em primeira pessoa, com um narrador-personagem "ausente", já que ele não aparece na história senão nesse final. Mas, na prática, o que acontece é que tal narrador se apaga na narrativa. O foco narrativo perceptível é de terceira pessoa, com um narrador-observador das peripécias de Macunaíma.

A exceção é o capítulo central, o IX- "Carta pras icamiabas", que se destaca na narrativa por ter um narrador-personagem, o próprio herói, que escreve para as suas súditas amazonas relatando suas experiências em São Paulo e pedindo dinheiro.

Personagens

Macunaíma

(...) Entretanto o herói é múltiplo. Quase poderia escrever como Mário: "Eu sou trezentos." Encarna uma enorme variedade de personagens, ora boas, ora más, ora ingênuas; quase sempre ingênuas.

Basta verificar rapidamente algumas cenas para que isso fique bem acentuado. No capítulo I, é ele o Jabuti que caça o Tapir na armadilha; a seguir é Kalawunseg, o mentiroso, quando, pouco depois, inventa que viu timbó na beira do rio. E assim continua pelo livro adentro, sendo o Pe. Anchieta quando viaja à sombra das asas dos papagaios e araras, Wewe dos taulipangues, o jabuti na festa do céu. Depois da macumba, Macunaíma é o próprio Mário que sai em companhia de Manuel Bandeira, Ascenso Ferreira e outros; e logo se torna Akalipzeima, na ilhota da Guanabara. É o Carão que vai roubar o talismã de Jurupari; volta a ser Kalawunseg, mentindo que caçou veados em vez de ratos, é o jaguar logrado pelo Chuvisco, é um tolo enganado por Kunewo, é o filho de Kaynkewe, quando se vê coberto de carrapatos; é outros heróis e outros vilões, variabilíssimo no correr do livro.

Macunaíma participa daqueles heróis da literatura popular. Não tem preconceitos, não se cinge à moral de uma época, e concentra em si próprio todas as virtudes e defeitos que nunca se encontram reunidos em um único indivíduo. Por isso é excepcional.

(M. Cavalcanti Proença, *Roteiro de Macunaíma*)

Como bem frisou o crítico Cavalcanti Proença no trecho anterior, a principal marca de Macunaíma é a excepcionalidade: é um herói múltiplo e contraditório, que encarna uma variedade de personagens.

O personagem foi concebido com base em três índios que aparecem nas narrativas de lendas e mitos colhidas por Koch-Grünberg:

- O Macunaíma original – cujo nome se grafa "Makunaíma" e significa "O Grande Mau" – é um herói sagaz e malicioso, capaz de grandes feitos que na prática se tornam pequenos por causa da malícia e perversidade que ele emprega para realizá-los.
- Kalawunseg é um índio cuja principal característica é ser um grande mentiroso.
- Konewo é um índio que se destaca por ser muito malandro e preguiçoso.

Macunaíma, em princípio, sintetiza todas essas "qualidades". Na verdade, Mário de Andrade relativiza a péssima imagem que ficaria de um herói com esses atributos, utilizando uma série de estratégias. A primeira delas é agregar à figura do herói, de maneira mais ou menos perceptível, vários outros personagens do folclore e/ou da cultura afro/indígena brasileiros. A segunda é o humor facilmente identificado no tratamento das histórias. A terceira é dar uma visão lúdica de Macunaíma: é fácil reconhecer no herói um comportamento infantil, como o das crianças que agem movidas por instintos básicos – o prazer e o medo, e que caem freqüentemente em contradição.

De fato, por ser Macunaíma uma espécie de herói-síntese, é fácil reconhecer nele a contradição como característica: é avarento e mão-aberta; medroso e corajoso; tem pena dos fracos mas é muitas vezes injusto; é cândido e inocente mas se irrita facilmente; aparenta uma valentia que não tem; foge sempre do trabalho porém lança-se com entusiasmo à aventura e à sorte; quando criança, age como adulto, quando adulto, como criança.

A infantilidade do herói apresenta-se claramente na narrativa, a partir do capítulo II- "Maioridade": ele cria corpo de homem depois que a cotia derrama sobre ele o caldo envenenado da mandioca brava, mas como o herói consegue livrar a cabeça do caldo, fica para sempre com uma "cara enjoativa de piá" (menino). Veja-se esta descrição de Macunaíma quando ele chora por causa da história de Naipi e Titçatê, no episódio da Boiúna Luna: "As lágrimas escorregando pelas *faces infantis* do herói iam lhe batizar a *peitaria cabeluda*. Então ele suspirava sacudindo a *cabecinha*". Este episódio da cotia é uma sátira da imersão de Aquiles,

herói grego, nas águas do Styx[50]. Podemos entender que a cabeça passa a ser o "calcanhar de Aquiles" de Macunaíma: por causa de suas idéias e da sua incapacidade de controlar seus impulsos (principalmente no que diz respeito aos desejos sexuais...) é que ele sofre tanto ao longo da narrativa e termina destroçado ao seu final.

Ora, se a contradição é a principal característica do herói, mais correto seria considerá-lo como *personagem descaracterizado*, *incaracterístico*. A crítica Gilda de Mello e Souza chama a atenção para a questão; para ela, o que se destaca em Macunaíma é uma imprecisão na caracterização, o que podemos chamar de uma "desarmonia essencial": ele é um "símbolo do brasileiro", mas é, na verdade, venezuelano (foi na Amazônia venezuelana que Koch-Grünberg recolheu as narrativas indígenas que deram origem ao livro de Mário de Andrade), portanto sul-americano. Além disso, o próprio Mário de Andrade via nele uma falta de noções morais (ou uma tendência a criar noções morais de acordo com a situação) que seria típica do homem moderno – nesse sentido, ele seria um herói universal. Lembremos também que Macunaíma nasce índio, porém negro, depois se torna branco. O resultado é que em Macunaíma estão presentes a criança e o adulto, o primitivo e o civilizado, o lógico e o alógico.

Capa da 2ª edição de Macunaíma, 1937

Mas mesmo considerando Macunaíma um *herói incaracterístico*, vejamos o que mais ressalta em sua personalidade. Em primeiro lugar, uma aparente imoralidade no que diz respeito à conduta sexual. Dizemos "aparente imoralidade" porque seria mais correto considerar que nele há uma indiferença quanto às coisas da moral, simplesmente. Mário de Andrade fez questão de frisar por várias vezes que sua intenção com o exagero de cenas envolvendo atos sexuais (e ele cortou muitas...) não era provocar escândalo, mas fazer uma *sátira*[51] da imagem dos brasileiros pelo mundo afora, como um povo que "só pensa naquilo". Imagem que vem desde os relatos dos primeiros cronistas europeus que visitaram o Brasil e se perpetua na música popular atual, nos catálogos turísticos brasileiros pelo mundo afora e no carnaval cartão-postal para o exterior.

Outro traço chamativo é a preguiça. Em todos os momentos da narrativa, está o herói a exclamar um "Ai! que preguiça!..." ou fugindo do trabalho e fazendo os outros trabalharem por ele, com sua esperteza. Para ajudá-lo nesse *dolce far niente*, há uma impressionante quantidade de doenças que o herói adquire ao longo das suas aventuras: sapinho, escarlatina, constipação, sarampo, butecaina, erisipela, impaludismo, laringite, lepra e quaisquer outras que possamos ter esquecido. Vale notar que todas *essas doenças são apanhadas no momento em que o herói deixa a selva* e *vai para a cidade*.

Por último, é impossível ler o livro sem sorrir com a malícia, a safadeza, a velhacaria, a patifaria, a astúcia, a matreirice, a esperteza, a malandragem enfim de Macunaíma. O herói é tão abusado que parece fácil classificá-lo como um mau-caráter. Parece, mas não é. Consideremos o título e o subtítulo da obra de Mário de Andrade: "Macunaíma, o herói sem nenhum caráter". Escrever "sem nenhum caráter" é muito diferente de escrever "mau-caráter". Releia o prefácio escrito pelo autor, mas não publicado, que apresentamos na sinopse deste trabalho, acrescente a ele nossa análise de Macunaíma como um personagem cuja principal característica é ser incaracterístico, impreciso, e você terá que é impossível definir a malandragem do herói como um atributo negativo. Ela é parte de sua moralidade instável: é como se Macunaíma criasse as regras do que é certo ou errado de acordo com a situação, como uma criança que age de acordo com seus interesses, sem ter noção precisa dos limites entre o certo e o errado.

Por último e mais importante: este personagem contraditório, viciado em sexo, preguiçoso, malandro e sem caráter vem definido no livro como um "herói da nossa gente". Até que ponto é correto considerar Macunaíma um símbolo do homem brasileiro? Mário de Andrade não via o herói como um símbolo, isto é, como *O* brasileiro, mas achava que ele era *UM* brasileiro. Para o autor, se havia simbolismo, era nas situações que Macunaíma vive, em que ele adota valores ético-morais puramente circunstanciais, ou seja, o herói é inconstante, membro resultante de três raças que formaram um povo ainda incaracterístico, indeterminado.

50 Aquiles – Aquiles, herói da *Ilíada* de Homero, ao nascer foi mergulhado pela ninfa Tétis nas águas do rio Estige (Styx), para assim se tornar invulnerável. Porém Tétis teve de segurá-lo pelo calcanhar, que não foi imerso na água, tornando-se o seu ponto franco. Durante a guerra de Tróia, Páris feriu Aquiles acertando-lhe uma flecha no calcanhar, causando sua morte.

51 Sátira – a sátira consiste na crítica de instituições, pessoas, grupos ou hábitos sociais por meio do exemplo moralizante e do humor.Lore consequismodipit exero eugait ate dunt lan hent praese tatis nullan henit landit autpat

Macunaíma é impossível de ser definido porque ele vive e age para uma realização que está sempre no futuro e é constantemente adiada: a recuperação da muiraquitã. Quando esse futuro chega (recupera-se a muiraquitã), o herói é destroçado. E se consideramos que os componentes de sua personalidade (supervalorização do sexo, preguiça, malandragem) são componentes também da personalidade do brasileiro, não devemos fazer um julgamento moral negativo dele, pois nosso anti-herói brasileiro é, sim, mentiroso, prevaricador, preguiçoso, mas resiste a todo tipo de doenças, morre e ressuscita mais de uma vez, e é otimista e confiante no seu projeto de recuperar a muiraquitã perdida, o que são valores positivos.

Na verdade, Macunaíma é um herói que não se resolve; não é possível dizer "a verdade" sobre ele. É certo que ele termina por desistir de tudo e virar mais uma constelação no céu, visto pequenino daqui de baixo. Porém a Ursa Maior foi durante muito tempo considerada uma guia de navegantes, visível apenas do Equador para o Norte (isto é, na região Amazônica, de onde o herói saiu e para onde retornou). Em outras palavras: Macunaíma aponta um caminho. Que caminho é esse, nós veremos mais adiante, quando analisarmos a questão da identidade nacional colocada por Mário de Andrade nessa obra. Por enquanto, fiquemos com as palavras de Gilda de Mello e Souza:

Do ponto de vista cultural, Macunaíma é também uma personagem ambivalente, dúbia, indecisa entre duas ordens de valores. É na verdade um homem degradado que não consegue harmonizar duas culturas muito diversas: a do Uraricoera, donde proveio, e o do progresso, onde ocasionalmente foi parar.

(Gilda de Mello e Souza, *O tupi e o alaúde: uma interpretação de Macunaíma*)

Devemos fazer uma última consideração sobre esse personagem. Trata-se de abordar uma possível identidade entre *Macunaíma* e outro romance clássico da nossa literatura, *Iracema*, de José de Alencar. A questão foi levantada por Mário Cavalcanti Proença, que vê nas duas obras mais do que uma semelhança temática (o índio na cultura brasileira). Ele destaca outros pontos de contato:

- Tanto a história de Iracema quanto a de Macunaíma iniciam com o nascimento dos heróis.
- Assim como a jandaia acorda Iracema em sua história, o aruaí (papagaio) de Macunaíma desperta o dono; e, depois dos personagens mortos, são as aves que guardam a memória deles.
- Tanto para um quanto para outro, há uma identificação por meio de apostos: Iracema, "a virgem dos lábios de mel", Macunaíma, "herói de nossa gente". Aliás, a descrição ou qualificação apositiva é empregada recorrentemente nas duas obras para lugares e personagens em geral.
- Há uma certa semelhança nas caracterizações de Ci e Iracema.
- Nas duas obras coloca-se o problema do desajuste entre a mentalidade primitiva e a civilizada: Macunaíma é um índio entre civilizados (em São Paulo) e Martim é um civilizado entre índios (no Brasil colonial).
- Tanto José de Alencar como Mário de Andrade têm interesse em discutir e praticar uma "língua nacional" (veremos isso mais detalhadamente logo adiante) e preocupam-se com imprimir um ritmo poético à narrativa.

Venceslau Pietro Pietra, o gigante Piaimã comedor de gente

O principal antagonista de Macunaíma é um estrangeiro abrasileirado. Seu sobrenome italiano aponta para os imigrantes que enriqueceram rapidamente no Brasil, com seu espírito prático e empreendedor, o que faz dele um novo-rico. Por outro lado, ele tem os pés virados para trás, atributos do Curupira, entidade do folclore brasileiro, além de ser casado com a Caapora (outra entidade folclórica nacional) e ter filhas com ela. É o fato de ser esse estrangeiro acomodado que faz com que não vejamos o gigante como uma figura negativa, pelo contrário, sentimos até uma certa simpatia por ele. Mas, por ser estrangeiro, é negado a ele o direito de "virar estrela no campo vasto do céu", depois de morrer. Assim como o herói, Venceslau Pietro Pietra é impreciso: tem sobrenome italiano, características físicas e família brasileiras, origem sul-americana ("regatão peruano"), "gigante" é cognome de origem na mitologia clássica européia porém "Piaimã" é indígena. Enfim, este "gigante miscelâneo" vem satiricamente resumido na "Carta pras icamiabas": "doutor

Venceslau Pietro Pietra, subdito do Vice-Reinado do Peru, e de origem francamente florentina, como os Cavalcantis de Pernambuco".

Ci

A "marvada" amada de Macunaíma também vem caracterizada de maneira plural e imprecisa: Rainha da Floresta, Imperatriz do Mato Virgem, Mãe do Mato, Rainha das icamiabas (índias guerreiras, as amazonas da mitologia clássica). Ci é uma criação de Mário de Andrade, aproveitando uma figura da crença tupi que aparece em várias lendas com denominações como Mãe das Águas, Mãe dos Animais, Mãe das Plantas. Ela simboliza a figura da mulher primordial, que vem do começo do mundo.

Maanape

O mais velho dos irmãos do herói, Maanape é feiticeiro, que por diversas vezes livra os manos de dificuldades, com seus conhecimentos mágicos e astúcia. Procura frear, sem sucesso, os impulsos do herói, que adora arranjar sarna pra se coçar. Por ser o mais velho, sofre menos com as artimanhas de Macunaíma e recebe um tratamento mais respeitoso dele; quando o herói mente, é quase sempre Maanape quem o faz dizer a verdade.

Jiguê

Também é mais velho que Macunaíma, mas, em vez de ser respeitado, é o alvo predileto das armações do herói, que adora lhe roubar as mulheres. É quem mais trabalha, caça e pesca para sustentar os manos, mas ao mesmo tempo é muito preguiçoso.

Além desses, há uma inumerável sucessão de personagens na narrativa, o que está de acordo com o projeto de Mário de Andrade de aproveitar ao máximo elementos da tradição afro-indígena e popular e da realidade brasileira para compor a obra. Entre eles, podemos citar: Vei (a Sol), Boiúna Luna, a Caapora (que aparece também como a velha Ceiuci), Sofará, Iriqui, a mãe do herói, os vários tipos populares das pensões e das ruas de São Paulo e até alguns personagens reais, como os amigos modernistas do autor que participam da macumba no Rio de Janeiro.

Tempo e espaço

[Macunaíma] ziguezagueia no tempo em avanços e recuos que só um herói de gesta pode ter.(...)

Macunaíma chega a São Paulo quando o Brasil é uma república, mas durante suas correrias encontra João Ramalho, dos primódios da fundação de Santo André da Borda do Campo; conversa com Maria Pereira, viva ainda, e amofumbada num grotão da beira do São Francisco, desde o tempo da invasão holandesa; convida Bartolomeu de Gusmão para viajar com ele no dorso de um tuiuiú; e o Padre-Voador, que morreu na Espanha, está caminhando e suando num areal do Maranhão.

(M. Cavalcanti Proença, *Roteiro de Macunaíma*)

Não há marcação de tempo precisa em *Macunaíma*. Assim como ocorre com o personagem, o tempo é impreciso, indeterminado; o herói vive em um “tempo homogêneo”, eternamente presente, sem passado ou futuro, em que se misturam inúmeras referências cronológicas, como bem observou Cavalcanti Proença no trecho citado anteriormente. Essa indeterminação temporal revela que os fatos do enredo não devem ser considerados da perspectiva de uma história tradicional (em que o escritor está preocupado com o desenrolar da trama), mas sim como subsídios para se pensar a questão da identidade nacional, que só pode ser tratada se considerados *todos* os fatos históricos relevantes na sua formação. Ao aglutinar desordenadamente muitos desses fatos históricos em um “tempo homogêneo” e fazê-los parte da tradição popular, Mário de Andrade consegue nos passar impressões contraditórias: temos, primeiro, uma sensação de totalidade da nossa história; depois, uma sensação de desorientação quanto ao significado dela. Essa sensação se casa muito bem com a questão da identidade nacional que aprofundaremos... mais adiante.

Observe-se ainda que o narrador emprega repetidamente expressões como “no outro dia”, “depois”, “de outra feita”, muito comuns nas narrativas de cunho lendário e mitológico que serviram de base para a história de *Macunaíma*, e que potencializam essa fixação em um eterno presente, um tempo indeterminado na narrativa.

Por último, é interessante lembrar que, quando volta de São Paulo para o Uraricoera, o herói traz, entre os seus “troféus” da civilização, um relógio Pathek, que usa como brinco. Veja que o índio, que antes marcava a passagem do tempo pelos ciclos da natureza, agora está afeiçoado ao ritmo do mundo moderno que conheceu, em que a passagem do tempo é marcada pela precisão e artificialidade da “máquina relógio”, como diria o próprio Macunaíma.

[Macunaíma] Está fora do espaço e do tempo. Por isso pode realizar aquelas fugas espetaculares e assombrosas em que da capital de São Paulo foge para Ponta do Calabouço, no Rio, e logo já está em Guajará-Mirim, nas fronteiras de Mato Grosso e Amazonas para, em seguida, chupar manga-jasmim em Itamaracá de Pernambuco, tomar leite de vaca zebu em Barbacena, Minas Gerais, decifrar litóglifos na Serra do Espírito Santo e, finalmente, se esconder no oco de um formigueiro, na Ilha de Bananal, em Goiás. E as fugas são várias, são motivo freqüente no livro, e sempre com essa revolução espacial, e absoluto desprezo pelas convenções geográficas.

(M. Cavalcanti Proença, *Roteiro de Macunaíma*)

Dois espaços destacam-se em *Macunaíma*: o rio Uraricoera, no alto Amazonas, e a cidade de São Paulo. Espaços absolutamente em oposição e que também representam realidades distintas: o primeiro remete-nos ao mundo primitivo da civilização tropical; o segundo, ao mundo urbano-industrial, típico da civilização européia. É com base na oposição entre esses dois mundos, duas realidades, que Mário de Andrade construirá sua tese sobre a nossa identidade.

É importante atentar, também, para outra característica espacial da narrativa: a desregionalização do Brasil promovida pelo autor. A preocupação em retratar a diversidade regional brasileira vem da época do Romantismo, quando os autores, ao escreverem romances ambientados de norte ao sul do país, procuravam

dar conta de nossa variedade geográfica e cultural. Mas, se os românticos faziam isso dentro de um esquema racional (um determinado romance regionalista tratava de uma determinada região), Mário de Andrade resolveu adotar uma técnica mais radical. Ele próprio declarou-se orgulhoso de ter conseguido realizar uma embrulhada regional, em que deslocamentos e aproximações disparatadas de elementos de lugares muito diferentes do país criaram uma geografia, fauna e flora lendárias do Brasil. A intenção era óbvia: a desregionalização acabava por unificar a pátria, estabelecendo um elo de identidade entre brasileiros que vivem, às vezes, tão distantes uns dos outros, por causa de nossa dimensão geográfica continental.

Podemos interpretar assim essa intenção de Mário de Andrade: é preciso superar o Regionalismo, que seria uma forma estática de Nacionalismo, libertando-nos de nossas peculiaridades espaciais; é a "desgeograficalização" do Brasil que nos permitirá descobrir o que é autêntico e geral no país todo. Quando formos capazes de fazer essa "síntese crítica" de nós mesmos, independentes das diferenças espaciais, teremos conquistado uma consciência e uma identidade legitimamente nacionais.

Linguagem

Um grupo modernista: Mário de Andrade, Tácito de Almeida, Rubens Borba de Moraes, Yan de Almeida Prado, Baby e Guilherme de Almeida

Virtude de urubutinga
De enxergar tudo de longe!
Não carece vestir tanga
Pra penetrar meu cassange!
Você sabe o francês "singe"
Mas não sabe o que é guariba?
— Pois é macaco seu mano,
Que só sabe o que é da estranja.

(Estrofe de "Lundu do escritor difícil",
poema de Mário de Andrade)

É a consciência brasileira que leva Mário a encaixar num conto que se passa em São Paulo a sintaxe do Nordeste de permeio com a do Braz, e servir-se em suas imagens do vocábulo amazônico lado a lado com o vocábulo gaúcho. Em nossos tempos de regionalismos literários tentou descobrir e cultivar o denominador comum do português falado no Brasil.

(M. Cavalcanti Proença, Sérgio Milliet, em *Roteiro de Macunaíma*)

Macunaíma é um livro do início do Modernismo, época em que as vanguardas artísticas buscavam, nas palavras do crítico Alfredo Bosi, "captar as imagens de uma nova era de técnica e de velocidade, ou então de um eterno inconsciente", de preferência, em formas livres dos modelos racionalistas do finado século XIX. Isso se conseguia criando novas formas estruturais, desarticulando os esquemas narrativos tradicionais, principalmente no campo da linguagem, seja por meio de montagens e paródias, seja buscando formas pré-racionalistas (poderíamos dizer pré-realistas) de narrar. Este último é o caso em que se encaixa *Macunaíma*.

Mário de Andrade foi um autor extremamente interessado em pesquisar formas de expressão originárias da língua falada no Brasil, em libertar nossa literatura do artificialismo lingüístico acadêmico e parnasiano. Assim como o escritor romântico, Mário de Andrade preocupava-se com a questão da "língua nacional", porém sem cair em exageros: não acreditava em que falássemos uma língua diferente da portuguesa, mas era óbvio para ele que nossa maneira de expressar era profundamente original em relação aos irmãos portugueses. Em *Macunaíma*, pôde vazar livremente o resultado de suas pesquisas. Escreveu o livro com base na rica variedade regional da língua falada pelo Brasil afora, as frases feitas e provérbios populares, as línguas indígenas e reminiscências das línguas africanas, os arcaísmos considerados "errados" por muitos lingüistas da época mas presentes em expressões da fala popular. Tudo isso sem se descuidar de um ritmo narrativo poético, presente na espontaneidade de expressão, no aproveitamento do universo mitológico brasileiro, na musicalidade das enumerações, na plasticidade das descrições.

Dito isso, consideremos alguns recursos lingüísticos recorrentes na obra.

Em primeiro lugar, destaquemos as incontáveis, longas e variadas *enumerações*[52] presentes na narrativa. É um recurso comum na linguagem dos contadores de história e dos cantadores nordestinos, duas fontes de Mário de Andrade. Elas permitem um maior aproveitamento do vocabulário regional e indígena. Vejamos dois exemplos:

"Logo o céu se escurentou de sopetão e uma nuvem ruivor subiu do horizonte entardecendo a calma do dia. A ruivor veio vindo e era o bando de araras-vermelhas e jandaias, todos esses faladores, era o papagaio-trombeta era o papagaio-curraleiro era o periquito cutapado era o xarã o peito-roxo o ajuru-curau o ajuru-curica arari ararica araraúna araraí araguaí arara-taua maracanã maitaca arara-piranga catorra teriba camiranga anaca anapura canindés tuins periquitos, todos esses, o cortejo sarapintado de Macunaíma

52 Enumeração – figura de linguagem que consiste em indicar um por um elementos de um grupo, listando-os de maneira

imperador. E todos esses faladores formaram uma tenda de asas e gritos protegendo o herói do despeito vingarento da Sol. Era uma bulha de águas deuses e passarinhos que nem se escutava mais nada e a igarité meio parava atordoada." (XV- "A pacuera de Oibê")

[Repare também no aproveitamento da sonoridade das palavras e na exploração do ritmo por meio da ausência de pontuação, na plasticidade da descrição no início do trecho (as aves colorindo o sol e tapando o sol com uma escuridão-vermelha), nas expressões imaginativas e originais como "tenda de asas e gritos protegendo o herói do despeito vingarento da Sol", "bulha de águas, deuses e passarinhos" – recursos que dão uma poeticidade (da qual falamos acima) ao trecho.]

"[Piaimã] foi lá dentro e voltou carregando um grajaú tamanho feito de embira e cheinho de pedra. Tinha turquesas esmeraldas berilos seixos polidos, ferragem com forma de agulha, crisólita pingo d'água tinideira esmeril lapinha ovo-de-pomba osso-de-cavalo machados facões flechas de pedra lascada, grigris rochedos elefantes petrificados, colunas gregas, deuses egípcios, budas javaneses, obeliscos mesas mexicanas, ouro guianense, pedras ornitomorfas de Iguape, opalas do igarapê Alegre, rubis e granadas do rio Gurupi, itamotingas do rio das Garças, itacolumitos, turmalinas de Vupabuçu, blocos de titânio do rio Piriá, bauxitas do ribeirão do Macaco, fósseis calcários de Pirabas, pérolas de Cametá, o rochedo tamanho que Oaque o Pai do Tucano atirou com a sarabatana lá do alto daquela montanha, um litóglifo de Calamare, tinha todas essas pedras no grajaú." (VI- "A francesa e o gigante")

[Nesse trecho, repare em que a enumeração funciona como uma descrição caótica das pedras, criando um efeito muito característico da linguagem surrealista. O próprio Mário de Andrade observou que, em muitas enumerações descritivas dos cantadores nordestinos, aparecia esse surrealismo.]

A enumeração é um recurso típico das manifestações mais arcaicas de linguagem, sejam escritas, cantadas ou faladas. Quando Macunaíma se transfere para a cidade com os irmãos, a enumeração de elementos da vida urbano-industrial cria um efeito de contraste e estranhamento: é por meio de uma linguagem arcaica que se tenta descrever a realidade moderna.

Outra característica que a linguagem do Macunaíma comunga com a dos contadores de história é a tendência à indeterminação ao indicar tempo ou lugar e ao caracterizar personagens. É comum o uso repetido de expressões como "No outro dia" (já comentamos isso anteriormente), "légua e meia", "mais adiante", "Fulano", "um príncipe/uma princesa".

Vejamos, agora, uma lista de ocorrências de "desvios" em relação à norma culta da linguagem, elaborada pelo professor Mário Cavalcanti Proença. Antes, porém, consideremos três observações: 1ª) a preocupação da crítica com a "escrita correta", de acordo com os padrões lingüísticos consagrados pela tradição literária, era muito maior à época em que foi escrito o livro do que é hoje. É necessário dizer isso para que o leitor entenda a ousadia do estilo empregado por Mário de Andrade e não considere exagero algumas das ocorrências registradas por Cavalcanti Proença; 2ª) a maioria dessas ocorrências não pode ser considerada de fato "desvio" da norma culta: na verdade, são usos lingüísticos que foram em algum tempo considerados legítimos, de acordo com a variante de maior prestígio falada ou escrita em determinada época; esses usos lingüísticos "perderam status" com o passar dos tempos, mas permaneceram na linguagem do povo, sendo, aos poucos, adulterados (às vezes, não), e "expulsos" da chamada norma culta da linguagem; 3ª) em outros casos, não ocorre propriamente desvio da norma culta mas simplesmente uso de construções incomuns ou curiosas (ou uso de construções "inventadas" por Mário de Andrade).

Vamos aos casos:

• Verbo "fazer" como vicariante[53] ou significando "disse", "disseram" – "Jiguê olhou pra ele com ódio e mandou a companheira arranjar fio pro menino, a moça fez"; "Fizeram, gostaram de lá e sempre uns atrás dos outros nunca mais voltaram do campo vasto do céu"; "Sim, Currupira, fez"; "Essa eu caço! ele fez".

• Verbo "rir" significando "namorar", "fazer sexo" – "Agora estão se rindo um pro outro"; "Já estavam se rindo um pro outro"; "O herói já estava se rindo com a criadinha".

• Verbo "brincar" significando "fazer sexo" – "Era que o herói tinha brincado muito com ela".

53 Vicariante – verbo vicariante é aquele que se emprega para evitar a repetição de outro.

• Silepse de número: substantivos coletivos levando o verbo para o plural – "Então se pôs falando pra toda a gente se queriam que ela botasse uma rosa no puíto deles"; "(...) e o casal esqueceram que havia mundo".

• Pronome pessoal "vós" com verbo na terceira pessoa do singular; falta de uniformidade de tratamento ("vós", "tu" e "você" aparecem juntos) – "Agora vossa mãe vai embora. Tu ficas perdido no coberto e podes crescer mais não"; "Quando você estiver embrabecendo conta três vezes os botões de vossa roupa".

• "mandar", "ver", "fazer", "levar" com complemento de pronome do caso reto, em vez de oblíquo – "Suzi viu ele sair [em vez de viu-o sair], enxugou os olhos e falou pro namorado"; "Pra consolar levaram ele [em vez de levaram-no] passear na máquina automóvel".

• "mim" como sujeito de infinitivo, no lugar de "eu" – "Meu avô, dá caça pra mim comer?"; "Abra a porta pra mim entrar!".

• Verbos de movimento com preposição "em", em vez de "a" – "Agora você fica no mocambo e nunca não vai na roça me espiar"; "Macunaíma largou do estudo e foi na cidade refrescar as idéias".

• Fusão da partícula "se" com verbo pronominal – "Deu a rede pro noivo e foi dormir com a mana mais nova se chamando Denaquê".

• Preferência pelo uso de "falar", em vez de "dizer" – "Macunaíma apareceu de cara amarrada e falou pra ela".

• Verbo "pedir" seguido da preposição "para" ("pra") – "E pediu pra nora, companheira de Jiguê, que levasse o menino".

• Verbo "ter" no lugar de "haver" – "Tem coisa"; "Era o vasto o paraná e não tinha uma nuvem na gupiara elevada do céu".

• Uso da expressão "pôr reparo", "botar reparo" e do verbo "reparar" – "Quando Oibê pôs reparo que Macunaíma tinha comido a pacuera teve raiva"; "Então Capei reparou que não era Saci não, era Macunaíma o herói".

• Verbo "dever" seguido da preposição "de" – "O Pai do Sono devia de estar amoitado por ali".

• Duplicação do verbo para sugerir intensidade (às vezes com o uso do advérbio "mais") – "Deu que mais deu"; "Isso Macunaíma ficava que ficava um leão querendo".

• Forma afirmativa-negativa para ressaltar iminência – "E o herói indeciso, vai-não-vai"; "Piaimã se debateu muito e já estava morre-não-morre".

• Verbo "virar" no lugar de "transformar-se" – "Então Macunaíma de gostoso, virou gente outra feita e morou com a companheira de Jiguê".

• Uso da expressão "diz-que" – "Água fria diz-que é bom pra espantar as vontades".

• Uso da desinência de diminutivo para formar o superlativo de adjetivos e advérbios – "Qual o lugar onde as mulheres têm cabelo mais crespinho?"; "O outro secundou que sim e que viesse agorinha já".

• Advérbios e locuções:

– "de já-hoje" – "Macunaíma pediu pra ela ficar com os olhos fechados e levou todos os carregos, tudo, pro lugar em que estavam de já-hoje no mondongo inundado."

– "daí a pouco" – "Daí a pouco veio uma chuvarada (...)".

– "senão quando" – "Eis senão quando escutou atrás um 'Ihihih' chorando".

– "não demorou muito" – "Não demorou muito viu um vulto chegando".

– "de certo" – "(...) cordas dos morros furados por grotões donde gentama saía muito branquinha branquíssima de certo a filharada da mandioca!...".

– "na certa" – "Foram para casa botar pelego por debaixo do lençol porque por terem brincado com fogo aquela noite, na certa que iam mijar na cama".

– "de deveras" – "Então a macumba principiou de deveras (...)".

– "por demais" – "Porém o defundo pesava por demais e o advogado viu que não podia com o peso".

– "de-primeiro" – "De-primeiro o Urubu Rei tinha só uma cabeça".

– "mui" e "muito" – "Primeiro o herói ficou muito assarapantado, muito"; "...sentou na rede mui junto da francesa, muito".

– "aí" e "daí" (em vez de "então") – "Daí o gigante falou".

– “vai daí” e “vai então” (em vez de “então” ou “depois”; Mário costuma usar apenas “vai”) – “Vai, o cunhado do feiticeiro voltou pra maloca (...)”; “Vai, de noite veio descendo o rio uma piroga de prata”.

– “uma feita” e “dessa feita” (em vez de “uma vez”, “dessa vez”) – “Mas uma feita jucurutu pousou na maloca (...)”; “Desde essa feita as caranguejeiras preferem fazer fio de noite”.

– “um isto” como sinônimo de insignificância – “Sofará agüentou a sova sem falar um isto”.

– “isso” com valor enfático – “O gigante isso já estava fumando de tão danado”.

• Locuções prepositivas e adverbiais: “após de”, “por debaixo de”, “por detrás”, “em riba de”, “por amor de”, “por causa de” – “Lá por debaixo das árvores passavam muitas cunhãs (...)”; “Maanape trançou os braços dela por detrás enquanto Jiguê com a murucu lhe dava uma porrada no coco”; “Macunaíma parado em riba da estátua ficara sozinho ali”; “Então contou o castigo da mãe por causa dele ter sido malévolo pros manos”; “Uma feita o cunhado de Camã-Pabinque que entrou no mato por amor de caçar um bocado”.

• Uso de “mais”, em vez de “já” nas negativas – “O feiticeiro nem não pode sair mais do corpo de Megue, do susto que pegou”.

• Negativa dupla – “O herói não maliciou nada”; “Comeram tudo, até a crueira dura se acabou o fogaréu de noite e dia não moqueava nada não (...)”.

• Posposição da negativa – “Pai, chora não, fez”; “Faz isso não, oferecida!”.

• Uso abusivo do “que” (típico da linguagem oral para formar expressões):

• “muito que bem” – “Se vocês venham comigo, muito que bem”.

• “jamais que” – “Macunaíma queria erguer um papiri pros três morarem porém jamais que papiri se acabava”.

• “por isso que” – “Por isso que existe a expressão ‘Tá solto!’ indicando que a gente não faz mesmo o que nos pedem”.

• “assim que” – “Assim que o herói refletiu”.

• “agora que” – “Agora que te agarro mesmo (...)”.

• “é que”, “é porque” – “Por causa do fio geado é que Capei é tão fria”; “Era porque tinha comido cobra e estava furibundo”.

• “não vê que” – “Não vê que careço de buscar janta pra meus filhos, comadre?”.

• “bem que” – “Bem que sei”; “Macunaíma bem que percebeu (...)”.

• “que” expletivo, entre orações – “Vem cá, siriri, vem cá! que a cabeça gritava”.

• “que” enfático – “Quando faz necessidade só prata que sai”.

• “quem que?” – “Quem que havia de dizer?”.

• “como que?” – “Me diga uma coisa, filho de gambá é raposa, como que chama esse lugar?”.

• “onde que?” – “Onde que se viu micura assim?”.

• “pra quê?”, em vez de “por quê?” – “Uai, sobrinho, si tu não dá crédito, então pra quê pergunta?”.

• “o que?” – “O que foi que sucedeu pra mim?”.

• “só que”, em vez de “apenas” ou “mas” – “Só que ainda não podia aquentar ninguém não, porque era cedo por demais, não tinha força”.

• “que”, em vez de “porque” – “Não possuo mais anzol que a piranha engoliu”.

• “mas” com o sentido de “sim” ou “isso” – “O gigante estava mas era querendo brincar com a francesa”.

• “mas porém” – “Mas porém você tem de ser fiel (...)”.

• “agora” como interjeição, em vez de “ora” – “Não sou frouxo agora pra mulher me fazer mal”.

• “nem bem” com o sentido de “mal”, “apenas”, “logo que” – “Nem bem o menino tocou no folhiço e virou um príncipe fogoso”.

• “feito”, “direito”, “que nem”, “tal e qual” como conjunções comparativas – “E a cova era que nem a marca dum pé gigante”; “(...) e o herói botava a boca no mundo feito maluco fazendo embolada e traçados sem sentido”.

• Uso de “gente” e “gentes” – “Ajuntando a gente fica riquíssimo”; “Deixa a gente dormir meu bem”; “De minhas gentes varões dois só”.

• Supressão do artigo – “Então gigante veio”; “Mas cabeça parou por debaixo do pau e pediu bacuparis”.

• Próclise em início de período – “Se ouvia o murmurejo da onda, só”; “Me diga uma coisa (...)”.

• Uso popular do prefixo "des" – "Macunaíma sentiu-se desinfeliz e teve saudades de Ci"; "Então Chuvisco desapeou e disse pra Macunaíma".

• Preferência por "enxergar" e "espiar" no lugar de "ver" ou "olhar" – "Olhe tem paca tatu cotia... Minto, cotia não enxerguei nenhuma"; "Todos os seres do mato espiavam assombrados".

• "presenciar" significando "pressentir", "sentir" – "(...) e vai, presenciei um friúme no costado"; "Quis comer porém presenciou que era a sobra leprosa e passou adiante".

Também de Cavalcanti Proença retiramos as duas listas a seguir, exemplos da linguagem popular utilizados em *Macunaíma*. Demos os sentidos apenas dos provérbios e frases menos conhecidos atualmente.

Provérbios e frases feitas

- Dandar pra ganhar vintém.
- Espinho que pinica, de pequeno já traz ponta.
- Dar água num chocalho – superstição nordestina para que as crianças falem depressa; usa-se para se referir a quem fala muito: "bebeu água no chocalho".
- Coraçãozinho dos outros – expressão carinhosa.
- Fechar-se em copas – manter discrição.
- Fogo de palha.
- Rir por dentro.
- Que mal lhe pergunte.
- Cafundó do Judas.
- Quebrar a mão esquerda – virar à esquerda.
- Dia do casamento da raposa – chuva e sol ao mesmo tempo.
- Botar corpo – crescer, desenvolver.
- Cara amarrada.
- Ver-se na amarelas – em sérias dificuldades.
- Jogar no veado – fugir, sair correndo.
- Jacaré abriu? – maneira de dizer que um fato não se realizou.
- Está solta – expressão pra indicar que não fazemos o que pedem.
- Antes só que mal acompanhado.
- Opinião de sapo – perseverança num capricho prejudicial.
- Antes fanhoso que sem nariz.
- Mais sofreu nosso tio Judas – modo de ridicularizar o próprio azar ou o dos outros.
- Por morrer um caranguejo o mangue não bota luto.
- Quem quer cavalo sem tacha anda de a pé – quem quer perfeição tem de passar por privações.
- A primeira pancada é que mata cobra.
- Adeus minhas encomendas.
- Promessa é dívida.
- De chapéu-de-sol aberto – decidido.
- Vá querendo.
- Tanto se me dá como se me dava.
- Uma ova.
- Dobre a língua.
- Oito ou oitenta.
- Cair fora.
- Arco da velha – referência à crença segundo a qual quem passa por baixo do arco-íris, troca de sexo.
- Te esconjuro, credo.
- Fumando de tão danado – com raiva.
- Tomando benção a cachorro, chamando gato meu tio – humilhando-se.
- Arado de fome.
- Que nem se fala.

- Vá tomar banho.
- Dar em cima.
- O “se eu soubesse” é santo que nunca valeu para ninguém –as desculpas não convencem.
- Pisar nos calos.
- Chove não molha.
- Falar de venta inchada – carrancudo.
- Dia de judeu – dia infeliz.
- Ficar de azeite – ficar zangado.
- Ficar com cara de André – ficar envergonhado.
- Vá desmamar jacu com alpiste – o mesmo que “pentear macaco”; “não me aborreça”.
- Pernas pra que vos quero.
- Nunca viu não?
- Contar três vezes os botões da roupa – pensar três vezes antes.
- Fazer e acontecer – fazer o que bem se entende.
- Canudo que teve pimenta guarda o ardume.
- Chuva de preguiça – chuva fina e demorada, capaz de molhar até o pelo do bicho-preguiça.
- Nunca vi mais gordo.
- Não tem inferno pra quem já navegou no Cachoeira – provérbio amazônico.
- Quem matou seu cachorrinho? – quem pisou no seu calo?
- Cozinhar o galo.
- Você tem cada uma que até parece duas.
- Dia de São Nunca.
- Possuir só a noite e o dia – pobreza extrema.
- Vá mentir na praia.
- Buscar sarna pra se coçar.
- Dor de cotovelo.
- Até Chico vir de baixo – vai demorar muito.
- Paca tatu cotia não.
- Até Manuel chegar – vai demorar muitíssimo.
- Desamarrar a cara.
- Enxergar passarinho verde.
- Tamanho dum bonde.
- Macacos me lambam.
- Pros cachorros – muito, excessivo.
- Estômago nas costas.
- Dizer cobras e lagartos.
- Botar a boca no mundo.
- Quem tem seus amores longe, passa trabalhos trianos – trecho de moda de viola.
- Desatar o punho da rede – fugir com pressa.
- Vesgo de tanta fome.
- Defunto sem choro – desprotegido, desamparado.
- O mal ganhando diabo leva.
- Deixa estar jacaré, que a lagoa há de secar.
- Negro como as asas de graúna – trecho retirado de *Iracema*, de José de Alencar.
- Quando urubu está de caipora o de baixo caga no de cima.
- Não vim ao mundo para ser pedra – provérbio indígena.
- Tarde piaste – falar tarde, aparecer tarde.
- Já somos em doze e com você a gente ficava treze na mesa – superstição, segundo a qual não devem sentar treze pessoas à mesma mesa.
- Sinto muito mas chorar não posso – nada posso fazer.

Provérbios e frases rimadas

- Sonhei que caiu dente / Isso é morte de parente.
- Deram pra Mãe do Mato um laçarote rubro cor do mal, porque ela era agora mestra do cordão encarnado em todos os pastoris de Natal.
- Que é isso? Chouriço.
- Amor primeiro não tem companheiro.
- Sabiá Gongá que quando come não me dá...
- Onde me conhecem honras me dão. Aonde não me conhecem me darão ou não?
- Se Deus assinalou / Alguma lhe achou.
- Jacaré não tem pescoço / Formiga não tem caroço.
- Quando míngua a luna / Não comeces coisa alguma.
- Três diabo fez.
- Domingo pé de cachimbo.
- O mano pediu pro pai, o pai pediu pra mãe, a mãe pediu pra toda a geração, o chefe de polícia e o inspetor de quarteirão...
- Quem conta história de dia / Cria rabo de cotia.
- Gato miador / Pouco caçador.
- Quem me diz perdiz!
- Agora fuja sem escarcéu / Serei expulsa voarei pro céu.
- Cavalo castanho escuro / Que pisa no mole e no duro.
- Cavalo cardão-pedrez / Pra carreira Deus fez.
- Cavalo gazeo-sarará / Que nunca prestou nem prestará.
- Cavalo melado caxito / Que tanto é bom como é bonito.
- Cavalo bebe-em-branco / Que é cavalo manco.
- Bagual cardão rodado / Que nunca pode estar parado.
- Me diga uma coisa / Filho de gambá é raposa?
- Barra de rio, barra de ouro e barra de saia, não caia.
- A filha expulsa corre no céu / Batendo perna de déu em déu.
- Quem não trabuca / Não manduca.
- Zé Prequeté, tira bicho do pé pra comer com café.
- Tequeteque me embromou! Ihihih! Comprei a micura dele, quarenta contos me custou!
- Ande eu quente, ria-se a gente.
- Não me olhe de banda que não sou quitanda, não me olhe de lado que não sou melado.
- Boni-t-ó-tó macaxeira mocotó.
- Caboclo de Taubaté, cavalo pangaré, mulher que mija em pé libera nós dominé.
- Ah! se eu possuísse meu pai e minha mãe a meu lado não estava padecendo nas mãos deste malvado!
- Lem, lem, lem... se desta escapar, nunca mais como ninguém!
- Muiraquitã, muiraquitã de minha bela, vejo você mas não vejo ela!...
- Era uma vez uma vaca amarela, quem falar primeiro come a bosta dela!
- Sol de inverno, chuva de verão, choro de mulher, palavra de ladrão, eieiei... ninguém não caia não.
- Quem come jaraqui fica aqui.
- Feiticeiro Tzaló que tem uma perna só.
- Feiticeiro chamado Caicãe que nunca teve mãe.
- Plantei mandioca nasceu maniva, de ladrão de casa ninguém se priva.
- Lembrança da minha marvada! Não vejo ela nem você nem nada.
- A bênção minha madrinha, me dá pão com farinha?
- Que pena Sinhá Helena.
- Acabou-se a história e morreu a Vitória.

Quanto ao uso de provérbios e frases feitas na narrativa, lembremos que Macunaíma inventa seu próprio provérbio "de estalo": "Muita saúva e pouca saúde, os males do Brasil são!". Podemos entender isso à luz de sua personalidade: apesar de preguiçoso (daí o provérbio aparecer de repente na sua cabeça), ele é vaidoso, por isso acaba criando seu próprio "resumo" de sua terra, do qual possa se vangloriar.

Outros recursos usados por Mário de Andrade perceptíveis na narrativa são os neologismos (invenção de palavras), os barbarismos (estrangeirismos; palavras de língua estrangeira de uso comum em São Paulo no início do século, principalmente francesas e italianas) e a grafia de palavras de acordo com a pronúncia ("si", em vez de "se", por exemplo).

A "Carta pras icamiabas"

No que diz respeito à linguagem, um capítulo, o IX- "Carta pras icamiabas", destaca-se no *Macunaíma*. Nele, Macunaíma escreve às suas súditas amazônicas relatando suas experiências em São Paulo e pedindo que lhe mandem cacau (dinheiro). Vejamos como Maria Augusta Fonseca analisa a linguagem empregada na carta:

Na carta, o herói prende-se a um modo tradicional de narrar. Mas constrói um texto inteiramente descaracterizado por força do não comprometimento cultural, variando o tema na superfície. Sem poder assinalar o aprendido dentro de um novo padrão, sua carta passa a estampar uma sucessão não digerida de frases, trechos de poesia, discursos verborrágicos, citações em língua estrangeira, denominações em latim, citações de autores e obras, desentranhados do aprendizado "de orelha".

(Maria Augusta Fonseca, "*Carta pras icamiabas*")

Esta carta é, na verdade, uma sátira de Mário de Andrade ao uso da língua como ostentação de cultura e superioridade social. Ressalta nela o *nonsense*, o absurdo: é uma carta escrita de São Paulo para destinatárias inacessíveis, perdidas no meio da Amazônia (como ela chegará até lá?). Além disso, as icamiabas não sabem ler, e, mesmo que o soubessem, não conhecem o português, pois falam uma língua indígena; ou seja, é uma carta escrita para "lugar nenhum", destinada a ser lida por "ninguém" – completamente sem sentido.

Mas vejamos melhor o teor da carta e seu desenvolvimento lingüístico. Macunaíma está deslumbrado com São Paulo e a carta revela a sua sedução por uma "Civilização a que hoje fazemos ponto de honra de pertencermos", isto é, assume que se afastou de sua cultura e adotou a da cidade grande, moderna e industrial. Afetando esnobismo, esbanja com a carta às icamiabas um pedantismo livresco, tenta ser o branco civilizado, culto e europeizado, frente às suas súditas; "analfabetas inferiores". Inicia a carta parodiando Camões[54], depois exibe seus conhecimentos lingüísticos recém-adquiridos discutindo a grafia da palavra "muiraquitã", e a partir daí faz uma louvação da cidade de São Paulo e da civilização urbana, em um português castiço, babando erudição.

Porém a sátira de Mário de Andrade aparece, se não nos deixamos enrolar pelo herói e se percebemos que essa linguagem toda empolada que ele emprega, na verdade, serve para algo mais do que revelar seu deslumbramento com a "Civilização" e seu impressionante desempenho lingüístico, que lhe confere uma "superioridade social" frente às icamiabas. Ora, para que escreve o herói? Para pedir dinheiro, para assumir sua incompetência em sobreviver por seus próprios meios e com sua "superioridade" neste mundo civilizado que tanto o deslumbra. Em vários trechos da carta, Macunaíma imita a "Carta do descobrimento" de Pero Vaz de Caminha: lembremos então que, nessa carta, Caminha também escreve para fazer um pedido: que seu genro retorne a Portugal do exílio na ilha de São Tomé, onde cumpre pena. Outra traço satírico da carta de Macunaíma é que seu estilo elevado e a linguagem rebuscada não combinam com o tema baixo que toma a maior parte dela: a descrição dos costumes sexuais das prostitutas em São Paulo – verdadeiro motivo pelo qual ele escreve a carta, e não para poder levar adiante as "negociações" (que não existem) com Venceslau Pietro Pietra a fim de recuperar a muiraquitã.

54 O canto V, estrofe 37 de *Os lusíadas*, que anuncia o episódio do gigante Adamastor, tem os seguintes versos: "Porém já cinco sóis eram passados / Que dali nos partíramos, cortando / Os mares nunca de outrem navegados, / (...) Quando ũa noite, estando descuidados / (...)". A "Carta pras icamiabas" parodia: "Nem cinco sóis eram passados que de vós nos partíramos, quando a mais temerosa desdita pesou sobre Nós."

A carta é uma sátira também se observarmos o contraste entre ela e os demais capítulos: ela se encontra bem no centro da história; é uma espécie de *intermezzo* na linguagem cantada do povo que Mário de Andrade emprega antes e depois na narrativa, o que acaba por nos revelar o enorme descompasso que havia, no início do século, entre o "português escrito" e o "brasileiro falado", para usar uma expressão do próprio Macunaíma.

Interpretação

Macunaíma e a questão da identidade nacional

Como vimos repetindo até aqui, Macunaíma é uma investigação sobre a identidade social, cultural e psicológica dos brasileiros, ou da nação brasileira. Considerando a análise que fizemos (ver *Personagens*) sobre a personalidade de Macunaíma, poderíamos dizer que o livro é uma sátira do Brasil? Para Mário de Andrade, não. Segundo ele, se seu livro fosse assim considerado, seria "um fracasso", pois a sátira é para ele um "não-conformismo revoltado". Portanto, enquanto sátira, *Macunaíma* não passaria de uma gozação pessimista do povo brasileiro, visto como mentiroso, preguiçoso e tarado. Mas *Macunaíma* devia (e deve!) ser entendido, segundo Mário, como um louvação do Brasil e de seu povo, uma declaração de amor do autor ao seu país.

A visão de Mário de Andrade, que ele tentou passar no seu livro, é a seguinte: como somos uma nação jovem, um povo jovem, somos incaracterísticos (como Macunaíma); daí não podermos falar ainda (pelo menos até a época da escritura do livro...) em uma "cultura nacional brasileira", ou, dito de outro modo: o Brasil não acrescentou, ainda, nada de característico, de essencialmente e exclusivamente "brasileiro" à história universal das civilizações humanas. Não podemos falar em "Nacionalismo" brasileiro porque só a partir do momento em que tivermos uma contribuição particular ao universal é que podemos nos julgar uma "Nação". A intenção de Mário de Andrade com o seu "poema herói-cômico" (definição que ele gostava de usar para *Macunaíma*) foi revelar o lado positivo e negativo da mentalidade brasileira e ao mesmo tempo fazer que nos situássemos no impasse histórico-cultural que, segundo ele, vivíamos em sua época. Difícil de entender? Nem tanto, vamos com calma, devagar se vai ao longe.

A origem das idéias de Mário de Andrade está no filósofo Hermann de Keyserling, de muita influência no início do século. Segundo Keyserling, o desenvolvimento das civilizações devia se dar de acordo com o "Ser" de cada povo, e não de acordo com os fatos históricos. Vamos explicar isso tomando como exemplo o caso dos povos sul-americanos (é o nosso caso, o caso de Macunaíma): para o nosso filósofo, faz parte do nosso "Ser" sul-americano a valorização da sensibilidade, em oposição aos europeus, que teriam um "Ser" mais racional e prático – por isso estes criaram uma civilização do progresso industrial, da máquina, da sociedade materialista e de consumo. Vem daí o nosso (sul-americanos; brasileiros) grande dilema histórico-cultural: se o modelo da civilização européia e industrial é um fato histórico, devemos abandonar os nossos valores baseados na sensibilidade para nos adequarmos a esse fato, para tentarmos criar por aqui uma civilização nos moldes da do homem europeu, tão diferente da nossa? Para Keyserling e para Mário de Andrade a resposta é: não, não devemos, porque temos a oportunidade de criar aqui uma outra civilização, baseada em valores muito melhores (os valores da sensibilidade).

Ora, encarando as coisas dessa maneira, os "defeitos" de Macunaíma tornam-se "virtudes": a sensualidade e a preguiça preservam uma sensibilidade primitiva, que estamos ameaçados de perder em um mundo dominado pela sociedade de consumo. A malandragem (que só tem aqueles que são sensíveis o suficiente para "sacar" fácil e rápido as coisas) faz parte dessa sensibilidade característica do nosso "Ser" e que escapa ao racionalismo lógico, por isso não é suportada pelo "homem europeu civilizado", que baseia o seu modo de viver no trabalho racional. Difícil, ainda? Calma, não desista; vamos aplicar a teoria do dilema histórico-cultural à história de Macunaíma.

Macunaíma é marcado pela ambigüidade cultural (por isso é incaracterístico): apesar de conseguir sua vitória (recuperar a muiraquitã) ele é um "herói vencido": ele inicia seu retorno de São Paulo ao Uraricoera de maneira triunfal, mas termina cansado, doente e destroçado. Até mesmo seu apego ao Uraricoera (a terra natal) é substituído pela saudade da "taba grande paulistana" (a civilização do progresso) e das "filhinhas da mandioca". Junto com o amuleto, motivo da sua busca e símbolo de suas origens – a muiraquitã –, acaba trazendo outros amuletos "estrangeiros" – o revólver Smith-Wesson, o relógio Pathek Phillip e o

casal de galinhas legornes (estranhos no meio daquela natureza exuberante da Amazônia e que, por sinal, vivem presos em uma gaiola, como os homens na cidade grande...). Macunaíma é o herói desorientado, perdido entre a sua civilização original (o mundo primitivo da Amazônia) e a civilização do progresso (o ambiente urbano de São Paulo).

A ambigüidade, como vimos, reflete-se em todos os elementos estruturais da narrativa que estudamos até agora (personagens, tempo, espaço) e também na sua trama. Há dois núcleos básicos em torno dos quais se desenvolve a história: o primeiro narra o confronto entre Macunaíma e o gigante Piaimã pela posse da muiraquitã; o segundo narra o confronto entre Macunaíma e Vei, a Sol.

Como o primeiro núcleo narrativo é mais aparente, a impressão que temos da história é que Macunaíma consegue sair vitorioso: derrota Piaimã, recupera a muiraquitã e retorna para o lugar onde reina absoluto, o Uraricoera. As causas dessa vitória são sua fidelidade ao seu mundo primitivo (a obsessão por recuperar a muiraquitã) e sua maneira de ver o mundo e encarar as coisas, expressos na sua frase favorita: "Ai! que preguiça!...", frase que sintetiza bem a maneira como ele encara a vida: antes de tudo, o prazer.

Mas, que fique bem claro, essa vitória é provisória e aparente. No segundo plano, assistimos à derrota e derrocada do herói. Vejamos como Gilda de Mello e Souza analisa esse episódio, já considerando as implicações que ele tem para compreendermos a visão de Mário de Andrade sobre o problema da identidade brasileira.

Num texto de 1943, escrito para um semanário de província, Mário de Andrade explica detalhadamente o episódio de Vei que, como já foi dito, considera uma das alegorias centrais do livro e está dividido em dois tempos, o primeiro no capítulo VII e o segundo no capítulo XVII. A análise que segue se baseia em parte nesse testemunho importante de suas intenções, que procurei concatenar melhor, acrescentando-lhe outros elementos; sobretudo tentando estabelecer uma certa conexão entre o que está dito aí e a filosofia de Keyserling que, como o próprio autor declara, constitui uma das referências de sua meditação sobre o Brasil.

Por uma questão de método, é recomendável começar pela recapitulação das duas seqüências do entrecho. – Vei a Sol, que vinha navegando em sua jangada com as três filhas, encontra Macunaíma tremendo de frio numa ilhota deserta da baía de Guanabara. Recolhe-o a bordo e entrega-o às moças que o limpam e adormecem com carícias. Quando o herói acorda, a embarcação já está abicada no Rio de Janeiro e Vei lhe propõe uma de suas filhas em casamento. Ele agradece, promete que sim, jurando pela mãe, mas logo esquece o compromisso: "nem bem a futura sogra se afasta, não se amola mais com a promessa e sai à procura de mulher. E se amulhera com uma portuguesa, o Portugal que nos herdou os princípios cristãos europeus". Esta é a primeira parte da alegoria. Terminado o capítulo, Mário de Andrade praticamente a abandona para só retomá-la no fim do livro, quando Macunaíma chega de volta ao Uraricoera, exausto e comido pela maleita. É então que a velha Sol, lembrando a afronta sofrida, trama apanhá-lo nas malhas da vingança. Mas – como já vimos – o contato com o progresso modificara gradualmente o herói, habituando-o aos padrões europeus; Vei sabe, portanto, que para ser bem sucedida precisa europeizar também os instrumentos do castigo. E por isso empresta à miragem com que o atrai a tonalidade geral européia, fazendo a água "forçadamente fria naquele clima do Uraricoera e naquela hora alta do dia" e disfarçando a aparência ameríndia da Uiara sob os traços lusitanos de Dona Sancha. Macunaíma resiste durante algum tempo ao embuste, mas afinal acaba cedendo e "se atira na água fria, preferindo os braços da iara ilusória". Então os bichos da água o reduzem a um "frangalho de homem" e ele perde para sempre a muiraquitã, "o amuleto nacional que lhe dava razão de ser".

Acompanhemos agora Mário de Andrade na explicação que nos dá de sua alegoria. As filhas de Vei – "filhas da luz", "filhas do calor" – representam as grandes civilizações tropicais como a China, a Índia, o Peru, o México, o Egito, civilizações que se realizaram em torno de valores culturais muito diversos do Ocidente e que teriam se harmonizado melhor às nossas condições geográficas e climáticas. Por conseguinte, posto na situação de escolher entre as filhas de Vei e a portuguesa (o Ocidente), Macunaíma devia ter optado pela primeira; esta seria a decisão acertada, coerente com a ação central do livro, a busca do amuleto. Agindo assim, o herói estaria inscrevendo o seu destino no âmbito do Uraricoera, dando coerência à luta com o Gigante e fazendo jus à recuperação da muiraquitã. Enfim, estaria se esforçando por "se organizar numa vida legítima e funcional", que transformasse "o caos interior de suas disposições naturais, num cosmo organizado em torno de um centro de gravidade". Ao contrário, a escolha que efetua – inicialmente da portuguesa e, no final da narrativa, de Dona Sancha (pois ludibriado por Vei toma a Uiara ameríndia por uma das filhas de mani) – estava em desacordo com a aventura em que se lançara: representava uma acomodação aos princípios cristãos europeus e estabelecia, portanto, uma relação desarmoniosa entre o núcleo de sua personalidade e uma civilização que correspondia a "outras necessidades sociais e outros climas".

As duas seqüências formam, portanto, um todo perfeitamente orgânico dentro da estrutura da narrativa, onde desenham a sua alegoria central. A vingança de Vei, complementar à proposta rejeitada de casamento, representa a conseqüência funesta de uma escolha desastrada. O episódio, no entanto, não constitui apenas a discussão figurada da tese central do livro; mas de certo modo resume e antecipa o longo debate sobre a identidade brasileira, que nunca mais abandonará a reflexão atormentada do escritor.

(Gilda de Mello e Souza, *O tupi e o alaúde: uma interpretação de Macunaíma*)

O que causa, portanto, a derrota final do herói? A infidelidade às suas origens (representada na escolha errada da portuguesa e da miragem loura provocada por Vei, a Sol) e sua visão de mundo progressivamente destropicalizada e europeizada, que poderíamos sintetizar no seu provérbio predileto (que cria de supetão, justamente quando desce do barco de Vei para ir atrás da portuguesa no Rio de Janeiro): "Muita saúva e pouca saúde, os males do Brasil são!". Ora, esse provérbio inventado não tem origem popular, mas em duas frases famosas sobre o Brasil: a primeira, de Saint-Hilaire ("Ou o Brasil acaba com a saúva ou a saúva acaba com o Brasil") e a segunda, do médico Miguel Pereira ("O Brasil é ainda um vasto hospital"). Ambas as frases revelam uma visão crítica, racional e negativa do país. Vale lembrar que as doenças de que Macunaíma sofre, ele as apanha em São Paulo. Vale raciocinar que, para acabar com as doenças e com as saúvas, a saída é encarar a vida com uma visão européia: insistência no saber científico e no trabalho.

Um outro episódio nos revela essa "traição" de Macunaíma às suas origens, que o torna ambíguo, portanto incaracterístico. Trata-se da passagem em que ele vai passear no Anhangabaú e vê aparecer, no lago da fonte de Carlos Gomes, um transatlântico que viaja para a Europa. Pede ao navio que o leve junto, mas recebe como resposta uma sonora vaia. Vejamos, outra vez, uma análise de Gilda de Mello e Souza, que funciona também como uma bela conclusão para a questão.

O herói só volta para o Uraricoera porque o navio em que tenta embarcar não o aceita entre os passageiros elegantes, que se dirigem para a Europa. Por conseguinte, o autor sublinha, ainda uma vez através da cena, o aspecto dialógico do entrecho e o nítido comportamento ambivalente da personagem, sempre dilacerada entre as duas fidelidades, ao Brasil e à Europa. (...)

A lucidez da análise satiriza um estado de coisas [o brasileiro dividido entre suas origens tropicais e sul-americanas e a sedução da civilização européia] mas não aponta uma solução. No final de um dos prefácios, Mário de Andrade sublinha o aspecto sem compromisso do livro, que a seu ver é característico das épocas de transição social, que não desejam a volta do passado, não sabem o que tem de vir e sentem o presente "como uma neblina vasta"; aspecto – conclui – que nos impede de "tirar dele uma fábula normativa".

(Gilda de Mello e Souza, *O tupi e o alaúde: uma interpretação de Macunaíma*)

Macunaíma, então é isso. Um livro que nos faz uma pergunta que nunca foi definitivamente respondida: afinal, o que somos? O que queremos ser? Hoje, diferente do que acontecia em 1928, quando a obra foi publicada, a Europa não nos parece seduzir tanto. Mas basta pensarmos, entre tantas outras coisas, na fascinação de uma certa elite brasileira pelo estilo de vida *made in Miami*, enquanto se esquece de um numeroso e imenso Brasil no nosso Norte-Nordeste, verdadeiro depositário, hoje, do que podemos (se é que ainda podemos...) chamar de "cultura nacional", para nos perguntarmos: "– O que será de nós?". A pergunta pode ser "não respondida" por Alfredo Bosi:

Capa da 1ª edição de* Macunaíma, *1928

Para Macunaíma nem a cidade representa uma saída para a selva, nem a selva para a cidade. O sentido é de impasse; e dor pelo impasse. Nem é feliz o mundo amazônico (metonímia de um vasto Brasil que vive fora da civilização moderna), porque nele os embates contra as intempéries, as pragas e as pestes os monstros e os espíritos vingadores, podem levar à míngua e à morte ("Dera tangolomangolo na tribo Tapanhumas e os filhos dela se acabaram de um em um"); nem a vida urbana, mal europeizada e já semi-americanizada, consegue dar à nossa gente um hábitat acolhedor: "italianinhos" são "destinados a alimentarem as fábricas de áureos potentados, e a servirem, escravos, o descanso aromático dos Cresos". E por toda parte o que se vê é a máquina hostil, a política rasteira e o dinheiro: "o *curriculum vitae* da civilização, a que hoje fazemos ponto de honra em pertencermos".

(Alfredo Bosi, "Situação de Macunaíma")

Macunaíma e a carnavalização do romance medieval

A crítica Gilda de Mello e Souza aprofunda um pouco mais a análise de *Macunaíma*, além da questão da discussão da identidade nacional. Para ela, se, por um lado, a obra lança uma visão crítica sobre a influência européia na nossa cultura, por outro, acaba por se filiar à própria tradição literária Ocidental, ao fazer uma carnavalização[55] dos remotos romances de cavalaria da época medieval.

De fato, algumas características dos romances de cavalaria aparecem claramente em *Macunaíma*: a indeterminação de tempo, espaço e personagens, por exemplo, ou o uso intensivo da enumeração na narrativa, ambos aspectos que já estudamos anteriormente. Somem-se a isso episódios como aquele em que Macunaíma vira príncipe, ou a preferência assumida do herói por loiras. A seguir, apresentamos um quadro contrastivo das características dos romances de cavalaria e do livro de Mário de Andrade; observando-o bem, teremos uma visão dessa carnavalização operada por Macunaíma sobre a tradição européia.

Segundo Gilda de Mello e Souza, ao assentar *Macunaíma* em dois sistemas referenciais opostos – a questão da identidade nacional e a imitação carnavalizada de herança européia –, Mário de Andrade armou um bem elaborado "jogo satírico", em que contrapõe a valorização da nossa diferença nacional à adoção dos modelos culturais europeus.

55 Carnavalização – o conceito de carnavalização pode ser entendido aqui como a inversão, por meio do riso popular, do *status quo*, do que é tradicional e oficialmente aceito e consagrado.

Romances de cavalaria	Macunaíma
Os romances de cavalaria são essencialmente dinâmicos. São comuns histórias em que o herói parte em busca de algo (em especial as mais famosas delas, pertencentes ao ciclo de *A demanda do Santo Graal*, erra pelo mundo e envolve-se em confrontos de todo tipo.	A história de *Macunaíma* também é essencialmente dinâmica e ele busca algo perdido (a muiraquitã), porém o herói mais foge de perigos do que corre atrás de algo; inicia sua história perseguido, mas progressivamente se torna um fugitivo de toda sorte de perigos.
Geralmente o herói parte de um lugar e tempo estáveis e pacíficos e a eles retorna depois das atribulações que enfrenta por caminhos cercados de perigos e labirintos.	Macunaíma parte do Uraricoera e a ele retorna mas somente para ser dali "expulso" para o céu. No seu lugar de origem passa fome, vive brigando com a mãe e irmãos e vive aventuras eróticas tumultuosas e sangrentas. Em suas andanças, enfrenta monstros, doenças, tentações e miragens; muitas vezes seu trajeto é sem saída (como em um labirinto).
As descrições são minuciosas, detalhistas mas sem profundidade. Em especial quando se descrevem lugares desconhecidos, as salas de castelos e seus tesouros.	O mesmo processo de descrição detalhista é utilizado para descrever São Paulo (o "lugar desconhecido"), o interior da casa de Venceslau Pietro Pietra e sua coleção de pedras (o "castelo" e o "tesouro").
Os paradigmas de um cavaleiro medieval são: nobreza, coragem, lealdade, verdade, justiça, desprendimento; o comportamento amoroso é baseado na sutileza, no refinamento e no refreamento da paixão.	Os paradigmas de Macunaíma são: nobreza (é nobre, mas está sempre sendo perseguido, muitas vezes é enganado e escorraçado), medo deslealdade, mentira, injustiça, ganância; seu comportamento amoroso é baseado em um impulso sexual incontrolável.
O principal ciclo de histórias de cavalaria, *A demanda do Santo Graal*, é baseado na busca de um objeto precioso: o cálice da Santa Ceia, em que Jesus celebrou a Páscoa de sua morte e em que José de Arimatéia recolheu o sangue que gotejava do seu corpo na cruz do Calvário. Em algumas versões, o Graal é uma pedra preciosa de cor verde (esmeralda) que teria caído do céu e daria poderes extraordinários a quem a detivesse; a pedra teria sido perdida por Adão ao ser expulso do Paraíso e seria um símbolo da "identidade primordial" do homem, o "segredo da vida".	O núcleo central mais aparente da história de Macunaíma também seria a busca de um objeto precioso, a muiraquitã, pedra mágica de cor verde, capaz de fazer feliz, rico e poderoso quem a possui. Também é um símbolo da "identidade primordial" do herói (sua origem primitva), porém, depois de recuperá-la, sua vida desanda e ele a perde novamente.

Biografia do autor

Mário Raul de Morais Andrade (1893-1945) foi sem dúvida nenhuma o mais importante nome do início do nosso Modernismo. Sua personalidade brilhante e ativa exerceu enorme influência como amigo, incentivador, pesquisador, artista, e homem público. Sua energia para lutar pelos seus ideais para a cultura de seu país foi inesgotável.

Estreou na literatura com um livro ainda inseguro, *Há uma gota de sangue em cada poema*, em 1917. Em 1922, publicou *Paulicéia desvairada*, o primeiro livro de versos modernistas brasileiro, ao mesmo tempo que participou ativamente da Semana de Arte Moderna, marco histórico do início do Modernismo no Brasil. Em 1926, publica *Losango cáqui*, em que radicaliza processos modernistas que vinha defendendo na poesia. A partir daí, sua poética desenvolve-se no sentido da prática do nacionalismo baseado na pesquisa de nossa cultura e psicologia popular. *Macunaíma* é a obra-prima dessa fase. A fase posterior apresenta um autor menos agressivo no estilo, mais interiorizado e sutil no tratamento de temas sociais. Em *Remate de males*, livro de poemas de 1930, atinge um equilíbrio na fusão entre exploração da alma e exploração do país. O mesmo equilíbrio acontece no livro de contos que deixou inacabado, *Contos novos*, de 1946. Sua obra é extensa e variada: deixou livros de poesia, ficção, ensaio, crônica, musicologia, folclore, história da arte, além de um extensa correspondência.

Dirigiu o Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo de 1934 a 1937, realizando um trabalho notável. De 1938 a 1940, morou e trabalhou no Rio de Janeiro. Voltou a São Paulo como funcionário do Serviço do Patrimônio Histórico. Morreu em meio a inúmeros projetos criativos.

O escritor Mário de Andrade em foto de 1927: Eu tomado de acesso de heroísmo... peruano

Trechos para leitura

I- Macunaíma

No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma.

Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro passou mais de seis anos não falando. Si o incitavam a falar exclamava:

"— Ai! que preguiça!...

e não dizia mais nada. Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha, Maanape já velhinho e Jiguê na força de homem. O divertimento dele era decepar cabeça de saúva. Vivia deitado mas si punha os olhos em dinheiro, Macunaíma dandava pra ganhar vintém. E também espertava quando a família ia tomar banho no rio, todos juntos e nus. Passava o tempo do banho dando mergulho, e as mulheres soltavam gritos gozados por causa dos guaimuns diz-que habitando a água-doce por lá. No mucambo si alguma cunhatã se aproximava dele pra fazer festinha, Macunaíma punha a mão nas graças dela, cunhatã se afastava. Nos machos guspia na cara. Porém respeitava os velhos e freqüentava com aplicação a murua a poracê o torê o bacorocô a cucuicogue, todas essas danças religiosas da tribo.

Quando era pra dormir trepava no macuru pequeninho sempre se esquecendo de mijar. Como a rede da mãe estava por debaixo do berço, o herói mijava quente na velha, espantando os mosquitos bem. Então adormecia sonhando palavras-feias, imoralidades estrambólicas e dava patadas no ar.

Nas conversas das mulheres no pino do dia o assunto eram sempre as peraltagens do herói. As mulheres se riam muito simpatizadas, falando que "espinho que pinica, de pequeno já traz ponta", e numa pajelança Rei Nagô fez um discurso e avisou que o herói era inteligente.

Nem bem teve seis anos deram água num chocalho pra ele e Macunaíma principiou falando como todos. E pediu pra mãe que largasse da mandioca ralando na cevadeira e levasse ele passear no mato. A mãe não quis porque não podia largar da mandioca não. Macunaíma choramingou dia inteiro. De-noite continuou chorando. No outro dia esperou com o olho esquerdo dormindo que a mãe principiasse o trabalho. Então pediu pra ela que largasse de tecer o paneiro de guarumá-membeca e levasse ele no mato passear. A mãe não quis porque não podia largar o paneiro não. E pediu pra nora, companheira de Jiguê que levasse o menino. A companheira de Jiguê era bem moça e chamava Sofará. Foi se aproximando ressabiada porém desta vez Macunaíma ficou quieto sem botar a mão na graça de ninguém. A moça carregou o piá nas costas e foi até o pé de aninga na beira do rio. A água parara pra inventar um ponteio de gozo nas folhas do javari. O longe estava bonito com muitos biguás e biguatingas avoando na entrada do furo. A moça botou Macunaíma na praia porém ele principiou choramingando, que tinha muita formiga!... e pediu pra Sofará que o levasse até o derrame do morro lá dentro do mato, a moça fez. Mas assim que deitou o curumim nas tiriricas, tajás e trapoerabas da serrapilheira, ele botou corpo num átimo e ficou um príncipe lindo. Andaram por lá muito.

Quando voltaram pra maloca a moça parecia muito fatigada de tanto carregar piá nas costas. Era que o herói tinha brincado muito com ela. Nem bem ela deitou Macunaíma na rede, Jiguê já chegava de pescar de puçá e a companheira não trabalhara nada. Jiguê enquizilou e depois de catar os carrapatos deu nela muito. Sofará agüentou a sova sem falar um isto.

Jiguê não desconfiou de nada e começou trançando corda com fibra de curauá. Não vê que encontrara rasto fresco de anta e queria pegar o bicho na armadilha. Macunaíma pediu um pedaço de curauá

pro mano porém Jiguê falou que aquilo não era brinquedo de criança. Macunaíma principiou chorando outra vez e a noite ficou bem difícil de passar pra todos.

No outro dia Jiguê levantou cedo pra fazer armadilha e enxergando o menino tristinho falou:

"– Bom-dia, coraçãozinho dos outros.

Porém Macunaíma fechou-se em copas carrancudo.

"– Não quer falar comigo, é?

"– Estou de mal.

– Por causa?

Então Macunaíma pediu fibra de curauá. Jiguê olhou pra ele com ódio e mandou a companheira arranjar fio pro menino, a moça fez. Macunaíma agradeceu e foi pedir pro pai-de-terreiro que trançasse uma corda pra ele e assoprasse bem nela fumaça de petum.

Quando tudo estava pronto Macunaíma pediu pra mãe que deixasse o caxiri fermentando e levasse ele no mato passear. A velha não podia por causa do trabalho mas a companheira de Jiguê mui sonsa falou pra sogra que "estava às ordens". E foi no mato com o piá nas costas.

Quando o botou nos carurus e sororocas da serrapilheira, o pequeno foi crescendo foi crescendo e virou príncipe lindo. Falou pra Sofará esperar um bocadinho que já voltava pra brincarem e foi no bebedouro da anta armar um laço. Nem bem voltaram do passeio, tardinha, Jiguê já chegava também de prender a armadilha no rasto da anta. A companheira não trabalhara nada. Jiguê ficou fulo e antes de catar os carrapatos bateu nela muito. Mas Sofará agüentou a coça com paciência.

No outro dia a arraiada ainda estava acabando de trepar nas árvores, Macunaíma acordou todos, fazendo um bué medonho, que fossem! que fossem no bebedouro buscar a bicha que ele caçara!... Porém ninguém não acreditou e todos principiaram o trabalho do dia.

Macunaíma ficou muito contrariado e pediu pra Sofará que desse uma chegadinha no bebedouro só pra ver. A moça fez e voltou falando pra todos que de-fato estava no laço uma anta muito grande já morta. Toda a tribo foi buscar a bicha, matutando na inteligência do curumim. Quando Jiguê chegou com a corda de curauá vazia, encontrou todos tratando da caça, ajudou. E quando foi pra repartir não deu nem um pedaço de carne pra Macunaíma, só tripas. O herói jurou vingança.

No outro dia pediu pra Sofará que levasse ele passear e ficaram no mato até a boca-da-noite. Nem bem o menino tocou no folhiço e virou num príncipe fogoso. Brincaram. Depois de brincarem três feitas, correram mato fora fazendo festinhas um pro outro. Depois das festinhas de cotucar, fizeram a das cócegas, depois se enterraram na areia, depois se queimaram com fogo de palha, isso foram muitas festinhas. Macunaíma pegou num tronco de copaíba e se escondeu por detrás da piranheira. Quando Sofará veio correndo, ele deu com o pau na cabeça dela. Fez uma brecha que a moça caiu torcendo de riso aos pés dele. Puxou-o por uma perna. Macunaíma gemia de gosto se agarrando no tronco gigante. Então a moça abocanhou o dedão do pé dele e engoliu. Macunaíma chorando de alegria tatuou o corpo dela com o sangue do pé. Depois retesou os músculos, se erguendo num trapézio de cipó e aos pulos atingiu num átimo o galho mais alto da piranheira. Sofará trepava atrás. O ramo fininho vergou oscilando com o peso do príncipe. Quando a moça chegou também no tope eles brincaram outra vez balanceando no céu. Depois de brincarem Macunaíma quis fazer uma festa em Sofará. Dobrou o corpo todo na violência dum puxão mas não pôde continuar, galho quebrou e ambos despencaram aos emboléus até se esborracharem no chão. Quando o herói voltou da sapituca procurou a moça em redor, não estava. Ia se erguendo pra buscá-la porém do galho baixo em riba dele furou o silêncio o miado temível da suçuarana. O herói se estatelou de medo e fechou os olhos pra ser comido sem ver. Então se escutou um risinho e Macunaíma tomou com uma gusparada no peito, era a moça. Macunaíma principiou atirando pedras nela e quando feria, sofará gritava de excitação tatuando o corpo dele embaixo com o sangue espirrado. Afinal uma pedra lascou o canto da boca da moça e moeu três dentes. Ela pulou do galho e juque! tombou sentada na barriga do herói que a envolveu com o corpo todo, uivando de prazer. E brincaram mais uma vez.

Já a estrela Papacéia brilhava no céu quando a moça voltou parecendo muito fatigada de tanto carregar piá nas costas. Porém Jiguê desconfiado seguira os dois no mato, enxergara a transformação e o resto. Jiguê era muito bobo. Teve raiva. Pegou num rabo-de-tatu e chegou-o com vontade na bunda do herói.

O berreiro foi tão imenso que encurtou o tamanhão da noite e muitos pássaros caíram de susto no chão e se transformaram em pedra.

Quando Jiguê não pôde mais surrar, Macunaíma correu até a capoeira, mastigou raiz de cardeiro e voltou são. Jiguê levou Sofará pro pai dela e dormiu folgado na rede.

VIII- Vei, a Sol

Macunaíma ia seguindo e topou com a árvore Volomã bem alta. Num galho estava um pitiguari que nem bem enxergou o herói, se desgoelou cantando – "Olha no caminho quem vem! Olha no caminho quem vem!" Macunaíma olhou pra cima com intenção de agradecer mas Volomã estava cheinha de fruta. O herói vinha dando horas de tanta fome e a barriga dele empacou espiando aquelas sapotas sapotilhas sapotis bacuris abricôs mucujás miritis guabijus melancias ariticuns, todas essas frutas.

"– Volomã, me dá uma fruta, Macunaíma pediu.

O pau não quis dar. Então o herói gritou duas vezes:

"– Boiôiô, boiôiô! quizama quizu!

Caíram todas as frutas e ele comeu bem. Volomã ficou com ódio. Pegou o herói pelos pés e atirou-o pra além da baía de Guanabara numa ilhota deserta, habitada antigamente pela ninfa Alamoa que veio com os holandeses. Macunaíma pendia tanto de fadiga que pegou no sono durante o pulo. Caiu dormindo embaixo duma palmeirinha guairô muito aromada onde um urubu estava encarapitado.

Ora o pássaro careceu de fazer necessidade, fez e o herói ficou escorrendo sujeira de urubu. Já era de-madrugadinha e o tempo estava inteiramente frio. Macunaíma acordou tremendo, todo enlambuzado. Assim mesmo examinou bem a pedra mirim da ilhota pra ver si não havia alguma cova com dinheiro enterrado. Não havia não. Nem a correntinha encantada de prata que indica pro escolhido, tesouro de holandês. Havia só as formigas jaquitaguas ruivinhas.

Então passou Caiuanogue, a estrela-da-manhã. Macunaíma já meio enojado de tanto viver pediu pra ela que o carregasse pro céu. Caiuanogue foi se chegando porém o herói fedia muito.

– Vá tomar banho! Ela fez. E foi-se embora.

Assim nasceu a expressão "Vá tomar banho!" que os brasileiros empregam se referindo a certos imigrantes europeus.

Vinha passando Capei, a Lua. Macunaíma gritou pra ela:

– Sua bênção, dindinha Lua!

– Uhum... que ela secundou.

Então ele pediu pra Lua que o carregasse pra ilha de Marajó. Capei veio chegando porém Macunaíma estava mesmo fedendo por demais.

– Vá tomar banho! ela fez. E foi-se embora.

E a expressão se fixou definitivamente.

Macunaíma gritou pra Capei que pelo menos desse um foguinho pra ele aquecer.

– Peça no vizinho! ela fez apontando pra Sol que já vinha lá no longe remando pelo paraná guaçu. E foi-se embora.

Macunaína tremia que mais tremia e o urubu sempre fazendo necessidade em riba dele. Era por causa da pedra ser muito pequetitinha. Vei vinha chegando vermelha e toda molhada de suor. E Vei era a Sol. Foi muito bom pra Macunaíma porque lá em casa ele sempre dera presentinhos de bolo-de-aipim pra Sol lamber secando.

Vei tomou Macunaíma na jangada que tinha uma vela cor-de-ferrugem pintada com muruci e fez as três filhas limparem o herói, catarem os carrapatos e examinarem si as unhas dele estavam limpas. E Macunaíma ficou alinhado outra vez. Porém por causa dela estar velha vermelha e tão suando o herói não maliciava que a coroca era mesmo a Sol, a boa da Sol poncho dos pobres. Por isso pediu pra ela que chamasse Vei com seu calor porque ele estava lavadinho bem mas tremendo de tanto frio. Vei era a Sol mesmo e andava matinando fazer Macunaíma genro dela. Só que ainda não podia aquentar ninguém não, porque era cedo por demais, não tinha força. Pra distrair a espera assobiou dum jeito e as três filhas dela fizeram muitos cafunés e cosquinhas no corpo todo do herói.

Ele dava risadas chatas, se espremendo de cócegas e gostando muito. Quando elas paravam pedia mais estorcendo já de antegozo. Vei pôs reparo na senvergonhice do herói, teve raiva. Foi ficando sem vontade de tirar fogo do corpo e esquentar ninguém. Então as cunhatãs agarraram na mãe, amarraram bem ela e Macunaíma dando muitos munhecaços na barriga da bruaca saiu que saiu um fogaréu por detrás e todos se aquentaram.

Principiou um calorão que tomou a jangada, se alastrou nas águas e dourou a face limpa da ar. Macunaíma deitado na jangada lagarteava numa quebreira azul. E o silêncio alargando tudo...

"– Ai... que preguiça...

O herói suspirou. Se ouvia o murmurejo da onda, só. Veio um enfaro feliz subindo pelo corpo de Macunaíma, era bom... A cunhatã mais moça batia o urucungo que a mãe trouxera da África. Era vasto o paraná e não tinha uma nuvem na gupiara elevada do céu. Macunaíma cruzou as munhecas no alto por detrás fazendo um cabeceiro com as mãos e enquanto a filha-da-luz mais velha afastava os mosquitos borrachudos em quantidade, a terceira chinoca com as pontas das tranças fazia estremecer de gosto a barriga do herói. Era se rindo em plena felicidade, parando pra gozar de estrofe em estrofe que ele cantava assim:

Quando eu morrer não me chores,

Deixo a vida sem sodade;
"– Mandu sarará,

Tive por pai o desterro
Por mãe a infelicidade,
– Mandu sarará

Papai chegou e me disse:
– Não hás de ter um amor!
– Mandu sarará,

Mamãe veio e me botou
Um colar feito de dor,
– Mandu sarará,

Que o tatu prepare a cova
Dos seus dentes desdentados,
– Mandu sarará,

Para o mais desinfeliz
De todos os degraçados,
– Mandu sarará...

Era bom... O corpo dele relumeava de ouro cinzando nos cristaizinhos do sal e por causa do cheiro da maresia, por causa do remo pachorrento de Vei, e com a barriga assim mexemexendo com cosquinhas de mulher, ah!... Macunaíma gozou do nosso gozo, ah!... "Puxavante! que filha-duma... de gostosura, gente!" exclamou. E cerrando os olhos malandros, com a boca rindo num riso moleque safado de vida boa, o herói gostou gostou e adormeceu.

Quando a jacumã de Vei não embalou mais o sono dele Macunaíma acordou. Lá no longe se percebia mais que tudo um arranhacéu cor-de-rosa. A jangada estava abicada na caiçara da maloca sublime do Rio de Janeiro.

Ali mesmo na beira d'água tinha um cerradão comprido cheinho da árvore pau-brasil e com palácios de cor nos dois lados. E o cerradão era a Avenida Rio Branco. Aí que mora Vei a Sol com suas três filhas de luz.

Vei queria que Macunaíma ficasse genro dela porque afinal das contas ele era um herói e tinha dado tanto bolo-de-aipim pra ela chupar secando, falou:

– Meu genro: você carece de casar com uma das minhas filhas. O dote que dou pra ti é Oropa França e Bahia. Mas porém você tem de ser fiel e não andar assim brincando com as outras cunhãs por aí.

Macunaíma agradeceu e prometeu que sim jurando pela memória da mãe dele. Então Vei saiu com as três filhas pra fazer o dia no cerradão, ordenando mais uma vez que Macunaíma não saísse da jangada pra não andar brincando com as outras cunhãs por aí. Macunaíma tornou a prometer, jurando outra vez pela mãe.

Nem bem Vei com as três filhas entram no cerradão que Macunaíma ficou cheio de vontade de ir brincar com uma cunhã. Acendeu um cigarro e a vontade foi subindo. Lá por debaixo das árvores passavam muitas cunhãs cunhé cunhé se mexemexendo com talento e formosura.

– Pois que fogo devore tudo! Macunaíma exclamou. Não sou frouxo agora pra mulher me fazer mal!

E uma luz vasta brilhou no cérebro dele. Se ergueu na jangada e com os braços oscilando por cima da pátria decretou solene:

– POUCA SAÚDE E MUITA SAÚVA, OS MALES DO BRASIL SÃO!

Pulou da jangada no sufragante, foi fazer continência diante da imagem de Santo Antônio que era capitão de regimento e depois deu em cima de todas as cunhãs por aí. Logo topou com uma que fora varina lá na terrinha do compadre chegadinho-chegadinho e inda cheirava no-mais! um fartum bem de peixe. Macunaíma piscou pra ela e os dois vieram na jangada brincar. Fizeram. Bastante eles brincaram. Agora estão se rindo um pro outro.

Quando Vei com suas três filhas chegaram do dia e era a boca-da-noite as moças que vinham na frente encontraram Macunaíma e a portuguesa brincando mais. Então as filhas de luz se zangaram:

– Então é assim que se faz, herói! Pois nossa mãe Vei não falou pra você não sair da jangada e não ir brincar com as outras cunhãs por aí?!

– Estava muito tristinho! o herói fez.

– Não tem que tristinho nem mané tristinho, herói! Agora que você vai tomar um pito de nossa mãe Vei!

– E viraram muito zangadas pra velha:

– Veja, nossa mãe Vei, o que vosso genro fez! Nem bem a gente foi no cerradão que ele escapuliu, deu em cima duma boa, trouxe ela na vossa jangada e brincaram até mais não! Agora estão se rindo um pro outro.

Então a Sol se queimou e ralhou assim:

– Ara, ara, ara, meus cuidados! Pois não falei pra você não dar em cima de nenhuma cunhã não!... Falei sim! E ainda por cima você brinca com ela na jangada minha e agora estão se rindo um pro outro!

– Estava muito tristinho! Macunaíma repetiu.

– Pois si você tivesse me obedecido casava com uma das minhas filhas e havia de ser sempre moço e bonitão. Agora você fica pouco tempo moço e talqualmente os outros homens e depois vai ficando mocetudo e sem graça nenhuma.

Macunaíma sentiu vontade de chorar. Suspirou.

– Si eu subesse...

– O "si eu subesse" é santo que nunca não valeu pra ninguém, meus cuidados! Você o que é mas é muito safadinho, isso sim! Não te dou mais nenhuma das minhas filhas não!

Daí Macunaíma pisou nos calos também:

– Pois nem eu queria nenhuma das três, sabe! Três, diabo fez!

Então Vei com as três filhas foram pedir pouso num hotel e deixaram Macunaíma dormir com a portuga na jangada.

Quando foi ali pela hora antes da madrugada, veio a Sol com as moças pra darem o passeio na baía e encontraram Macunaíma com a portuguesa inda pegados no sono. Vei acordou os dois e fez presente da pedra Vató pra Macunaíma. E a pedra Vató dá fogo quando a gente quer. E lá se foi a Sol com as três filhas de luz.

Macunaíma inda passou esse dia brincando com a varina pela cidade. Quando foi de-noite eles estavam dormindo num banco do Flamengo quando chegou uma assombração medonha. Era Mianiquê-Teibê que vinha pra engolir o herói. Respirava com os dedos, escutava pelo umbigo e tinha os olhos no lugar das mamicas. A boca era duas bocas e estavam escondidas na dobra interior dos dedos dos pés. Macunaíma acordou com o cheiro da assombração e jogou no viado Flamengo fora. Então Mianiquê-Teibê comeu a varina e se foi.

No outro dia Macunaíma não achou mais graça na capital da República. Trocou a pedra Vató por um retrato no jornal e voltou pra taba do igarapé Tietê.

IX- Carta pras icamiabas

(...) Já agora vos falaremos ainda, bem que por alto, dum nitente armento de senhoras, originárias da Polônia, que aqui demoram e imperam generosamente. São elas mui alentadas no porte e mais numerosas que as areias do mar oceano. Como vós, senhoras Amazonas, tais damas formam um gineceu; estando os homens que em suas casas delas habitam, reduzidos a escravos e condenados ao vil ofício de servirem. E por isso não se lhes chamam homens, sinão que à voz espúria de garçons respondem; e são assaz polidos e silentes, e sempre do mesmo indumento gravebundo trajam.

Vivem essas damas encasteladas num mesmo local, a que chamam por cá de quarteirão, e mesmo de pensões ou "zona estragada"; sobrelevando notar que a derradeira destas expressões não caberia, por indina nesta notícia sobre as coisas de São Paulo, não fora o nosso anseio de sermos exacto e conhecedor. Porém si como vós, formam essas queridas senhoras um clã de mulheres, muito de vós se apartam no físico, no gênero de vida e nos ideias. Assim vos diremos que vivem à noute, e se não dão aos afazeres de Marte nem queimam o destro seio, mas a Mercúrio cortejam tão-somente; e quanto aos seios, deixam-nos evolverem, à feição de gigantescos e flácidos pomos, que, si lhes não acrescentam ao donaire, servem para numerosos e árduos trabalhos de excelente virtude e prodigiosa excitação.

Ainda lhes difere o físico, tanto ou quanto monstruoso, bem que de amável monstruosidade, por terem elas o cérebro nas partes pudentas, e como tão bem se diz em linguagem madrigalesca, o coração nas mãos.

Falam numerosas e mui rápidas línguas; são viajadas e educadíssimas; sempre todas obedientes por igual, embora ricamente díspares entre si, quais loiras, quais morenas, quais fosse-maigres, quais rotundas; e de tal sorte abundantes no número e diversidade, que muito nos preocupa a razão, o serem todas e tantas, originais dum país somente. Acresce ainda que a todas se lhes dão o excitante, embora injusto, epíteto de "francesas". A nossa desconfiança é que essas damas não se originaram todas da Polônia, porém que faltam à verdade, e são iberas, itálicas, germânicas, turcas, argentinas, peruanas, e todas as outras partes férteis de um e outro hemisfério.

Muito estimaríamos que compartilhásseis da nossa desconfiança, senhoras Amazonas; e que convidásseis também algumas dessas damas para demorarem nas vossas terras e Império nosso, por que aprendais com elas um moderno e mais rendoso gênero de vida, que muito fará avultar os tesoiros do vosso Imperador. E mesmo, si não quiserdes largar mão da vossa solitária Lei, sempre a existência de algumas centenas dessas damas entre vós, muito nos facilitará o "modus in rebus", quando for do nosso retorno ao Império do Mato Virgem, cujo este nome, aliás, proporíamos se mudasse para Império da Mata Virgem, mais condizente com a lição dos clássicos.

Todavia para terminar negócio tão principal, hemos por bem adverti-vos dum perigo que essa importação acarretara, si não aceitásseis alguns doutores possantes nos limites do Estado, enquanto dele estivermos apartado. Com serem essas damas mui fogosas e livres; bem pudera pesar-lhes em demasia o seqüestro inconseqüente em que viveis, e, por não perderem elas as ciências e segredos que lhes dão o pão, bem poderiam ir ao extremo de utilizarem-se das bestas feras, dos bogios, dos tapires e dos solertes candirus. E muito mais ainda nos pesaria à consciência e sentimento nobre do dever que vós, súbditas nossas, aprendásseis com elas certas abusões, tal como foi com as companheiras da gentil declamadora Safô na ilha

rósea de Lesbos – vícios esses que não suportam crítica à luz das possibilidades humanas, e muito menos o escalpelo da rígida e sã moral.

Como vedes, assaz hemos aproveitado esta demora na ilustre terra bandeirante, e si não descuidamos do nosso talismã, por certo que não poupamos esforços nem vil metal, por aprendermos as coisas mais principais desta eviterna civilização latina, por que iniciemos, quando for do nosso retorno ao Mato Virgem, uma série de milhoramentos, que, muito nos facilitarão a existência, e mais espalhem nossa prosápia de nação culta entre as mais cultas do Universo.

Bibliografia

ANCONA LOPEZ, Telê Porto. *Macunaíma: a margem e o texto.* Hucitec/Secretaria da Cultura, Esportes e Turismo de São Paulo, São Paulo, 1974.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter.* Círculo do Livro, São Paulo, s/d

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter.* Edição crítica coordenada por Telê Porto Ancona Lopes. Coleção Arquivos. Association Archives de la littérature latino-américaine des caraibes et africaine du XXe siècle/CNPq. Paris/Brasília, 1988.

BUARQUE DE HOLANDA, Aurélio. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa.* 2ª ed., Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1986.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Dicionário do folclore brasileiro.* 6ª ed., Editora Itatiaia Limitada/ Universidade de São Paulo, Belo Horizonte, 1988.

CANDIDO, Antonio & CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira: vol. III Modernismo.* 7ª ed., Difel, São Paulo/Rio de Janeiro, 1979.

CAVALCANTI PROENÇA, Manuel. *Roteiro de Macunaíma.* 4ª ed., Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1977.

LAFETÁ, João Luiz. *Mário de Andrade.* Coleção Literatura Comentada. 2ª ed., Nova Cultural, São Paulo, 1988.

MELLO E SOUZA, Gilda de. O *tupi e o ataúde – uma interpretação de Macunaíma.* Livraria Duas Cidades, São Paulo, 1979.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários.* Cultrix, São Paulo, 1974.

PRADO COELHO, Jacinto do. *Dicionário de literatura brasileira, portuguesa, galega e de estilística literária.* 3ª ed., Figueirinhas, Porto, 1979.

Exercícios

1. Leia, nos *Trechos para leitura*, o capítulo "I- Macunaíma", que narra o nascimento do herói. A seguir, leia o trecho abaixo, do romance Iracema, de José de Alencar.

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo do jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros ameigavam o canto.

Iracema saiu do banho; o aljôfar d'água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do gará as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o uru de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão.

a) Compare as descrições de Macunaíma e de Iracema quanto ao aspecto físico das personagens. O que isso nos revela da concepção de cada um dos autores quanto a seus personagens?
b) Compare as cenas do banho de Iracema e do banho de Macunaíma com sua tribo. O que elas nos revelam da personalidade de cada um deles?
c) Analise como aparece a relação dos dois indígenas com a natureza que os rodeia, em cada um dos trechos.

2. Leia o trecho a seguir, do capítulo "III- Ci, Mãe do Mato":

(...) Nem bem seis meses passaram e a Mãe do Mato pariu um filho encarnado. (...) Macunaíma ficou de repouso o mês de preceito porém se recusou a jejuar. O pecurrucho tinha cabeça chata e Macunaíma inda a achatava mais batendo nela todos os dias e falando pro guri:

"— Meu filho, cresce depressa pra você ir pra São Paulo ganhar muito dinheiro.

Todas as icamiabas queriam bem o menino encarnado e no primeiro banho dele puseram todas as jóias da tribo pra que o pequeno fosse rico sempre. (...) Mas uma feita jucurutu pousou na maloca do imperador e soltou o regougo agourento. Macunaíma tremeu assustado espantou os mosquitos e caiu no pajuari por demais pra ver si espantava o medo também. Bebeu e dormiu noite inteira. Então chegou a Cobra Preta e tanto que chupou o único peito vivo de Ci que não deixou nem o apojo. E como Jiguê não conseguira moçar nenhuma das icamiabas o curumim sem ama chupou o peito da mãe no outro dia, chupou mais, deu um suspiro envenenado e morreu.

Botaram o anjinho numa igaçaba esculpida com forma de jaboti e pros boitatás não comerem os olhos do morto o enterraram mesmo no centro da taba com muitos cantos muita dança e muito pajuari.

Terminada a função a companheira de Macunaíma toda enfeitada ainda, tirou do colar uma muiraquitã famosa, deu-a pro companheiro e subiu pro céu por um cipó. É lá que Ci vive agora nos trinques passeando, liberta das formigas, toda enfeitada ainda, toda enfeitada de luz, virada numa estrela. É a Beta do Centauro.

a) Considerando que *Macunaíma* é um livro do final da década de 20, contextualize a fala do herói ao seu filho.

O núcleo central mais aparente da narrativa gira em torno da muiraquitã oferecida ao herói por Ci. Com base nisso, responda:

b) Como o herói perdeu a muiraquitã?
c) O que o herói teve de fazer para reavê-la?
d) Qual foi o destino final da muiraquitã na narrativa?

3. O trecho seguinte é do capítulo "IV- Boiúna Luna":

(...) Uma feita a Sol cobrira os três manos duma escaminha de suor e Macunaíma se lembrou de tomar banho. Porém no rio era impossível por causa das piranhas tão vorazes que de quando em quando na luta pra pegar um naco de irmã espedaçada, pulavam aos cachos pra fora d'água metro e mais. Então Macunaíma enxergou numa lapa bem no meio do rio uma cova cheia d'água. E a cava era que-nem a marca dum pé gigante. Abicaram. O herói depois de muitos gritos por causa do frio da água entrou na cova e se lavou inteirinho. Mas a água era encantada porque aquele buraco na lapa era marca do pezão do Sumé, do tempo em que andava pregando o evangelho de Jesus pra indiada brasileira. Quando o herói saiu do banho estava branco louro e de olhos azuizinhos, água lavara o pretume dele. E ninguém não seria capaz mais de indicar nele um filho da tribo retinta dos Tapanhumas.

Nem bem Jiguê percebeu o milagre, se atirou na marca do pezão do Sumé. Porém a água já estava muito suja da negrura do herói e por mais que Jiguê esfregasse feito maluco atirando água pra todos os lados só conseguiu ficar da cor do bronze novo. Macunaíma teve dó e consolou:

– Olhe, mano Jiguê, branco você ficou não, porém pretume foi-se e antes fanhoso que sem nariz.

Maanape então é que foi se lavar, mas Jiguê esborrifara toda a água encantada pra fora da cova. Tinha só um bocado lá no fundo e Maanape conseguiu molhar só a palma dos pés e das mãos. Por isso ficou negro bem filho da tribo dos Tapanhumas. Só que as palmas das mãos e dos pés dele são vermelhas por terem se limpado na água santa. Macunaíma teve dó e consolou:

– Não se avexe, mano Maanape, não se avexe não, mais sofreu nosso tio Judas!

E estava lindíssimo na Sol da lapa os três manos um louro um vermelho outro negro, de pé bem erguidos e nus. Todos os seres do mato espiavam assombrados.

a) O que simboliza esse episódio na narrativa?
b) Do ponto de vista de sua raça, o que faz de Macunaíma um herói incaracterístico?
c) Por que justamente nesse momento da narrativa Macunaíma deixa de ser um índio negro e se transforma em um branco de olhos azuis?

4. Leia o capítulo "VIII- Vei, a Sol", nos *Trechos para leitura*, para responder ao que segue.

a) Que características da personalidade de Macunaíma podemos deduzir de suas atitudes nesse episódio?
b) Mário de Andrade teve a intenção de escrever *Macunaíma* usando uma língua-síntese brasileira, utilizando variações regionais, coloquialidade, registro da oralidade, neologismos. Retire do texto exemplos dessa "língua brasileira".

c) Interprete a expressão “poncho dos pobres” que aparece no texto.
d) Uma das características da cultura brasileira retratada em *Macunaíma* é o contraste de um Brasil ainda primitivo, atrasado, com outro bastante civilizado, progressista. Como esse contraste aparece no texto?
e) Macunaíma trai o que foi combinado com Vei, ao ficar com uma portuguesa em vez de se guardar para uma das filhas da Sol. Podemos explicar essa traição da seguinte maneira: ao trair a Vei, o herói perde a chance de criar uma “civilização do sol”, tipicamente brasileira. Que aspecto da tradição cultural brasileira Mário de Andrade está retratando com essa história?

5. Faça uma análise estabelecendo relação entre os dois epítetos cunhados por Mário de Andrade para Macunaíma: “herói de nossa gente” e “o herói sem nenhum caráter”.

6. Leia o trecho do capítulo “IX- Carta pras icamiabas” nos *Trechos para leitura* e responda ao que segue:
a) Quem são as icamiabas?
b) Explique a seguinte afirmação: “Há um contraste entre o estilo empregado pelo herói e o tema de que ele trata no trecho da carta, o que acaba por causar um efeito satírico.”
c) Qual o verdadeiro motivo da carta escrita por Macunaíma às icamiabas?
d) Considerando a maneira como o herói fala da cidade grande na carta, qual seria a sua posição, neste momento, quanto à cidade de São Paulo e quanto à região amazônica de onde veio? Justifique sua resposta fazendo referências a elementos do trecho lido.

Respostas

1.

a) Iracema é descrita de maneira positivamente idealizada: longos cabelos negros, porte esbelto, sorriso doce, hálito perfumado, pé gracioso, pernas ligeiras. Já Macunaíma também possui uma descrição idealizada, pois é índio mas negro, porém, ao contrário de Iracema, ele é apresentado negativamente, como "criança feia". Sabemos que José de Alencar pretendia fazer de seus personagens indígenas símbolos românticos positivos, já que representariam o brasileiro nativo, que era preciso glorificar para criar no leitor brasileiro um sentimento de orgulho pela sua recém-criada pátria. A descrição de Iracema está de acordo com uma visão nacionalista pouco crítica, tipicamente romântica. Já Macunaíma também é um "herói de nossa gente", como aparece definido logo no início da descrição. Mas é mais complexo que Iracema por resumir em si virtudes e defeitos do brasileiro, daí vir descrito como "feio" logo no início. A descrição de Macunaíma está de acordo com uma visão nacionalista crítica, tipicamente modernista.

b) Há recato na descrição do banho de Iracema; apenas sabemos que ela "saiu do banho" e que o "aljôfar" (gotas) d'água ainda a "roreja" (molha). Logo depois do banho, ela se põe a trabalhar no enfeite de seu arco. Ou seja: Alencar evita descrever a (natural) nudez do corpo de Iracema e coloca-a ocupada com alguma tarefa (trabalhando). Vem descrita aqui a índia brasileira mais cheia de valores europeus, que tomarão conta de sua personalidade. Já Macunaíma vai tomar banho no rio com todos da tribo, nus; aproveita para ficar, malandramente, beliscando as moças. Ou seja, é um índio mais natural, mais tropical, voltado para o desfrute prazeroso da natureza.

c) Iracema está plenamente integrada à natureza de que faz parte; aliás, a descrição toda da personagem se faz por meio de comparações de seu corpo com a natureza, todos os seus atos estão relacionados à natureza que a rodeia. Já a relação de Macunaíma com a natureza parece menos idealizada e mais natural: ele toma banho no rio, pede para ir passear no mato (desculpa para brincar com a cunhada), sai para caçar. Enfim: está, como Iracema, integrado à natureza, mas ela não é descrita como algo idealizado, assim como acontece com o herói.

2.

a) Macunaíma foi escrito no final de década de 1920, quando se tornava visível a atração que São Paulo exercia sobre os nordestinos. Atraídos pela possibilidade de emprego, no início da acelerada expansão industrial da capital paulista, os nordestinos transformavam São Paulo em centro de imigração, muitas vezes atraídos pelo próprio governo ou pelos industriais – que precisavam de mão-de-obra abundante para a sustentação do progresso. A fala de Macunaíma já nessa época era folclórica, demonstrando uma visão bem humorada mas um pouco preconceituosa da situação dos nordestinos em relação a São Paulo.

b) Macunaíma perdeu a muiraquitã quando fugia, junto com os manos, de uma perseguição que lhe fazia a cabeça da Boiúna Luna.

c) O herói dirigiu-se a São Paulo, já que a muiraquitã foi parar nas mãos de Venceslau Pietro Pietra, que morava na grande cidade.

d) Macunaíma recupera a muiraquitã das mãos de Venceslau Pietro Pietra, mas torna a perdê-la quando cai no poço da Uiara, transformada em uma miragem loura por Vei, a Sol, para se vingar do herói. Na luta contra o monstro disfarçado de linda mulher, Macunaíma perde para sempre a muiraquitã.

3.

a) O episódio simboliza a formação das três raças brasileiras: o índio, o negro e o branco.

b) Macunaíma nasce índio na Amazônia, porém negro; depois torna-se branco.

c) Macunaíma está se dirigindo a São Paulo, onde se deixará seduzir pela civilização européia do progresso. No momento em que se distancia da floresta, assume características físicas dos habitantes de São Paulo, para onde se dirige, e que passará a ser sua nova referência cultural.

4.

a) Podemos deduzir que Macunaíma é preguiçoso (não resiste ao calor e ao cafuné no barco da Vei), mentiroso (descumpre o trato que fez com a Sol), manhoso (tenta convencer Vei a perdoá-lo "fazendo bico"), vaidoso (troca O presente de Vei pelo seu retrato no jornal) e não consegue resistir aos seus desejos sexuais (não pensa duas vezes para descumprir o tratado com a Vei por causa da Portuguesa que vê passar),

b) "Volomã, me dá uma fruta" (pronome oblíquo anteposto ao verbo; "O pássaro careceu.." (verbo "carecer" por "necessitar"); "pra ver si não havia alguma cova" ("si" por "se"); "– Vá tomar banho!" (expressão da linguagem oral); "– Sua bênção, didinha..."; "fazendo necessidade em riba dele" (em vez de "em cima"); "pedra ser muito pequetitinha" (em vez de "pequenina"); "pediu pra ela"; "Só que ainda não podia aguentar ninguém não" ("só que" como adversativa; dupla negação – "não... não"); "Vei pôs reparo na senvergonhice" (em vez de "reparou" e "falta de vergonha"); "aipim", "cunhãs", "muruci" (palavras de origem indígena); "senvergonice", "mexemexendo" (neologismos); "– Ai... que preguiça...", "– Meu genro: você carece de casar (...) O dote que dou pra ti (...)" (coloquialidade) etc.

c) Vei é o sol, que aquece e ilumina a terra. Ela é chamada de "poncho dos pobres" porque é o único agasalho com que podem contar os que têm poucas posses para se aquecer,

d) O contraste aparece na chegada da Vei, a Sol (um mito indígena) com suas cunhãs (filhas) e Macunaíma ao Rio de Janeiro. Chegam de barco, remando, primitivamente, mas o Rio de Janeiro já é uma cidade moderna, inclusive com a avenida Rio Branco (que é chamada de "cerradão").

e) Mário de Andrade pode estar retratando nossa "submissão ao estrangeiro", nossa atração por tudo que é europeu, que vem do colonizador (representado aqui por uma mulher portuguesa) e nosso desprezo (traição) por nossa cultura tropical (representada aqui pelas Vei e suas cunhãs).

5. A expressão "herói sem nenhum caráter" resume o fato de Macunaíma ser um personagem incaracterístico, isto é, não ter caráter definido. Se Macunaíma é o "herói da nossa gente" brasileira, isto equivale a dizer que o que distingue o povo brasileiro é justamente a falta de uma definição nacional: ainda não temos um "caráter" nacional, não temos características marcantes e definitivas quando comparados a outros povos. Segundo a mensagem do livro, isto se deve a sermos uma civilização originária dos trópicos, cuja herança cultural e psicológica mais forte está ligada às nossas raízes afro-indígenas, mas, por outro lado, também somos muito atraídos pela sedução da Europa colonizadora, industrial, progressista, cujo modelo de civilização até hoje nos fascina.

6.

a) As icamiabas são uma tribo de índias amazonas, mulheres guerreiras que vivem na Amazônia, longe dos homens, e que queimam o seio direito para melhor manejarem o arco. Na narrativa, são súditas de Macunaíma, pois ele venceu sua chefe, Ci, a Mãe do Mato, e tomou-se Imperador do Mato Virgem.

b) O contraste está no uso de uma linguagem elevada, empolada, cheia de erudição lingüística, para tratar de um tema considerado socialmente "baixo", a prostituição; daí o efeito satírico.

c) Macunaíma escreve para pedir cacau, que converterá em dinheiro para sobreviver em São Paulo.

d) Macunaíma está deslumbrado pelo progresso que encontrou em São Paulo, e distante da vida que levava na selva. Podemos perceber isso em trechos como: "não poupamos esforços nem vil metal, por aprendermos as coisas mais principais desta eviterna civilização latina, por que iniciemos quando for do nosso retorno ao Mato Virgem, uma série de milhoramentos, que, muito nos facilitarão a existência" (ou seja, ele pretende levar para o Mato Virgem o que considera "melhoramentos" da vida em São Paulo).